

Ministério

Uma revista para Pastores e Obreiros Novembro-Dezembro de 1998

A Maior Tentação de Cristo



casa

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS

11 CRISTO E A EUCARISTIA

Implicações práticas da doutrina da transubstanciação



14 O EVANGELISMO DO NOVO MILÊNIO

Estratégias evangelísticas para o ano 2000.



17 A MAIOR TENTAÇÃO DE CRISTO

O que Satanás realmente queria ao tentar levar Jesus ao pecado.

20 COMPROMISSO COM A MENSAGEM

A importância do apelo na pregação.

25 JUBILAÇÃO COM JÚBILO

A aposentadoria pode ser um período de grandes realizações.

27 DEMÔNIOS NO VELHO TESTAMENTO

Uma pesquisa sobre a presença e ação demoníacas no Velho Testamento.

SEÇÕES

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

8 PONTO DE VISTA

22 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS



Ano 70 – Número 6 – Nov./Dez. 1998
Periódico Bimestral

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Jobson Santos; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; José S. Ferreira; Izéas Cardoso; **Capa:** Antonio Rios

5972/5596

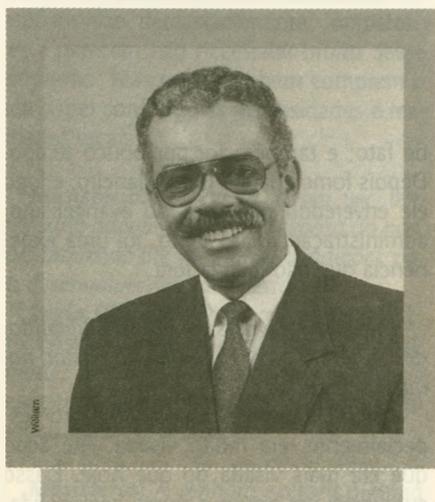
Visite o nosso site: www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br
Redação: redacao@cpb.com.br
Ministério na Internet: www.mensagem.com/ministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – Tatuí, SP – 18270-000

Não vai tardar



Para no ar a sensação de que algo fora do comum está prestes a acontecer. Perplexos, os reis deste mundo vivem momentos angustiosos, na tentativa de conter a enxurrada de problemas que rompe violentamente as comportas da aparência de paz e segurança. Quase desmaiando de terror, revelam-se assustados pela expectativa do que ainda está por vir. E estamos só no princípio das dores.

Mas há uma esperança perfeita e firme, cuja proclamação se torna mais oportuna a cada dia: a volta de Jesus. No início dos anos 1840, foi esse o tema que eletrizou o coração de Guilherme Miller e daqueles que a ele se uniram na mesma esperança. Com o crescimento experimentado, o movimento a que ele deu origem institucionalizou-se, transformando-se na Igreja Adventista do Sétimo Dia, tendo assim a bendita esperança incorporada ao próprio nome, ao coração da sua mensagem e à sua missão. Agora, aqui estamos nós, comis-

sionados a preparar o mundo para o encontro com seu criador e redentor. Precisamos conservar viva tal esperança, cujo fundamento é a promessa do próprio Cristo: "Voltarei..." (João 14:1-3). Sem ela, seguramente o adventismo já se teria extinguido.

Com o passar dos anos, entretanto, fanatismo e dúvida, às vezes, têm manchado a beleza desta proclamação. Sempre surgem indivíduos que tomam fatos descontextualizados e, com base neles, fazem associações e predições absurdas, gerando alarmismo e mesmo temor. Outros, impressionados com uma suposta demora, acabam elaborando teorias que ferem a literalidade do acontecimento.

A verdade, porém, é que já não há tempo a ser desperdiçado com especulações inúteis. Os sinais da volta de Cristo estão aí, em sucessão assombrosamente rápida. Em qualquer direção que olhemos, seja para a História, seja para a profecia, há evidências de que a volta de Cristo está mais próxima do que imaginamos. Acredito ser uma dessas evidências a busca de unidade global. Romperam-se os limites e as nações estão se agrupando em blocos onde interesses econômicos, políticos, comerciais e religiosos estão envolvidos. No dizer de Leonardo Boff, "a mundialização se faz, prioritariamente, sob o signo do econômico. Mas a economia vem acolitada por outros fatores de mundialização, como ideologias, busca de espiritualidades e valores e até por guerras". Por outro lado, devemos reconhecer que a globalização pode também facilitar o cumprimento da profecia relativa à pregação do evangelho a to-

do o mundo, tal como aconteceu nos dias da Igreja primitiva, quando a helenização a divulgação do cristianismo.

As encíclicas papais, por sua vez, demonstram que o cenário para a união religiosa está em adiantado nível de montagem. O diretor do espetáculo revela ter bem definidos seu objetivo e os caminhos pelos quais tentará alcançá-lo. Na Carta Apostólica *Dies Domini*, expedida em julho passado, ele trata da questão dominical, usando muitos argumentos sabáticos que qualquer adventista assinará embaixo; só que aplicados ao domingo. E declara: "Num passado relativamente recente, a santificação do domingo era facilitada, nos países de tradição cristã, por uma ampla participação dominical como ponto indiscutível na legislação relativa às várias atividades laborativas. É natural que os cristãos se esforcem para que, também nas circunstâncias específicas do nosso tempo, a legislação civil tenha em conta o seu dever de santificar o domingo." Tal como foi predito.

Sem alarmismo, devemos pregar sobre a volta de Jesus motivados pela incomparável expectativa de ver a nosso Salvador e com Ele viver para sempre. É nesse ponto que a bendita esperança é posta à sombra da cruz. A certeza do futuro, anunciado ao povo de Deus, é determinada pelo que Ele fez no passado, ou seja, a Encarnação, morte, ressurreição e ascensão de Cristo. A volta de Jesus é parte do plano da salvação. A obra redentora efetuada na cruz terá sua consumação quando Ele surgir glorioso nas nuvens. E isso não vai demorar. — Zinaldo A. Santos.

Missão cumprida

Durante 44 anos, ela compartilhou lado a lado com o Pastor Enoque de Oliveira, seu esposo, as alegrias da vocação ministerial, servindo na Associação Paranaense, Associação Rio de Janeiro, União Este-Brasileira, Divisão Sul-Americana e Associação Geral, onde foram jubilados, em 1990. Nessa época o casal fixou residência em Curitiba, PR, onde o Pastor Enoque faleceu, em 1992. Desde então, a irmã Lygia Oliveira vive cercada pelo carinho dos filhos, Dr. Lutero e Professora Vera Lúcia, genro, nora e quatro netos; além do respeito e admiração da família adventista.

Tendo servido em tão diversificadas instâncias da Obra adventista, a irmã Lygia acumulou uma experiência digna de ser compartilhada com outras pessoas. Foi com esse objetivo que ela recebeu a reportagem de *Ministério*, com muita solicitude, em sua casa no elegante bairro curitibano Ahú, para uma entrevista. A seguir, os principais trechos do diálogo no qual relembra um passado rico em realizações, revela conceitos sobre situações e acontecimentos do presente, sem deixar de lado as expectativas quanto ao futuro.

Ministério: *Foi difícil ser esposa de pastor?*

Lygia Oliveira: De um modo geral, ser esposa de pastor, para mim, foi um privilégio. Evidentemente, houve momentos difíceis de separações motivadas por viagens do esposo, quando tive que assumir muitas responsabilidades sozinha. Mas repito a experiência como um grande privilégio e uma oportunidade especial na vida de uma mulher.

Ministério: *Quando, onde e como tudo começou?*

Lygia Oliveira: Começamos aqui em Curitiba. Quando nos casamos, Enoque estava servindo à Obra, havia dois anos.



Lygia Oliveira

Através da amizade entre as duas famílias, nós nos conhecemos e tanto o namoro como o noivado já se desenvolveram neste clima de separação, porque eu estudava em Petrópolis, e ele em São Paulo. Concluindo o curso teológico, foi chamado para Curitiba. Inicialmente, trabalhava na área financeira. As circunstâncias nas quais ele se tornou pastor foram interessantes, porque no colégio ele foi muito criticado pela dicção deficiente que tinha, a ponto de descartar o pastorado. Mas, após um período na contabilidade, foi nomeado departamental de Educação, de modo que, de início, minha experiência não foi como esposa de pastor. Nesse interim, o pastor da igreja central adoeceu e ele foi convidado a pregar muitas vezes, e a fazer visitas. Foi aí que ele começou a se desenvolver como pastor, compreendendo que não era tão incapacitado como tentaram fazê-lo acreditar. Ele amou o trabalho pastoral. Como estava estudando Pedagogia, foi nomeado diretor do colégio, um trabalho que não lhe agradou muito. Mas como já tinha demonstrado possuir a vocação pastoral, foi ordenado e assumiu a igreja central. Somente aí comecei a ser esposa de pastor

de fato; e também foi por pouco tempo. Depois fomos para o Rio de Janeiro, e logo ele enveredou pela área do evangelismo, administração. Mas, repito, foi uma experiência que não jogaria fora.

Ministério: *Quais as maiores dificuldades enfrentadas pela família do pastor, naquele tempo?*

Lygia Oliveira: A esposa do pastor, especialmente, era muito visada. Até acho que era mais visada do que hoje. E isso subjogava um pouco a nossa personalidade. Às vezes nós nos víamos obrigadas a agir contrário ao que éramos e pensávamos, somente para dar satisfação à opinião dos outros, preservar a imagem. Hoje eu vejo que existe mais abertura nesse sentido. Parece que as esposas não são tão observadas como antigamente. Havia uma linha mais dura.

Ministério: *Mesmo assim, muitas se queixam de cobranças que dizem receber. Como deveriam elas administrar essa situação?*

Lygia Oliveira: Não me parece muito fácil responder a essa pergunta; porque é muito difícil irmos de encontro ao que realmente somos e pensamos, apenas para demonstrar uma boa aparência aos outros. Nesse sentido, eu creio que as esposas dos pastores sofrem bastante. A posição delas é muito melindrosa. Se, na igreja, são atuantes, às vezes são interpretadas como querendo superar ou manipular o marido, ou até dominar a comunidade. Se agem discretamente, são tidas como incompetentes. As críticas sempre existirão. Numa igreja criticarão uma coisa, noutra igreja, encontrarão outro aspecto para ser criticado. Então acho que devem ser o que são, viver em comunhão com Deus e suportar as críticas com paciência e fé.

Ministério: Na sua opinião, a esposa do pastor tem correspondido às expectativas da igreja?

Lygia Oliveira: Bem, cada esposa de pastor é um caso à parte. Muitas esposas têm sido fundamentais no crescimento do esposo, e em sua aceitação por parte da comunidade onde servem. Atrás de muitos pastores existe a figura de uma esposa atuante, espiritual, discreta, que os impulsiona para frente e para cima. Em outros casos, isso já não acontece, até porque os esposos são demasiadamente competentes e parecem não necessitar muito desse empurrão. Mas essas também cumprem o seu papel conforme as necessidades e realidades locais.

Ministério: E a Igreja, a seu ver, tem assistido adequadamente à esposa do pastor, provendo-lhe preparo e condições para desenvolver seu ministério?

Lygia Oliveira: Olha, posso dizer que, no passado, isso não acontecia. Atualmente, não tenho todas as informações a respeito, mas entendo que crescemos um pouco mais nesse aspecto.

Ministério: A senhora exerceu alguma atividade fora do lar?

Lygia Oliveira: Não inicialmente. Comecei a trabalhar na Obra quando estávamos no Uruguai, onde estava a sede da Divisão Sul-Americana. Quando nos casamos, havia um preconceito muito forte quanto à esposa do pastor trabalhar fora. Ela deveria ficar em casa, cuidar dos filhos e do esposo, e participar das atividades da igreja.

Ministério: Era fácil conciliar o trabalho, as atividades do lar e a assistência aos filhos?

Lygia Oliveira: Hoje, eu não entendo como as esposas podem conciliar todas essas coisas, e admiro-as por isso. Realmente, o salário do pastor não é suficiente para cobrir todas as necessidades. Antigamente nos sujeitávamos mais facilmente a certos sacrifícios. Nós, por exemplo, só conseguimos comprar uma geladeira seis anos depois de casados; mas hoje os tempos realmente mudaram. Nossos filhos não se casam nos dias de hoje sem uma geladeira. Eu não condeno as esposas que trabalham fora, sei que o fazem para colaborar com o orçamento familiar. Mas, ao lado disso, está a responsabilidade educacional dos filhos. Esse confronto é muito desgastante.

Eu, às vezes, fico pensando como a pró-

pria irmã Ellen White deixava os filhos sob os cuidados de outras pessoas e trabalhava como trabalhou. A única explicação que encontro é o seu chamado para uma missão especial, superior mesmo à do esposo.

Ministério: Como foi sua experiência como esposa de evangelista?

Lygia Oliveira: Antigamente as campanhas evangelísticas duravam três meses completos. A solidão era grande, mas a liderança do Campo permitia que o evangelista fosse visitar a família uma vez. Para que o esposo não deixasse o trabalho, eu optava em ir até onde ele estava; às vezes passava um mês auxiliando-o no evangelismo infantil. Hoje parece que as campanhas são mais curtas, até porque não existe muito preconceito. Antes, o evangelista gastava muito tempo para quebrar o preconceito; mas hoje quando ele chega, as portas já foram abertas pelos programas de rádio e TV, serviços comunitários, então não precisa ficar muito tempo.

Ministério: E a expectativa pelos batismos?

Lygia Oliveira: Era muito grande, mas sempre havia bons resultados. Agora eu acho que, naquela época, os candidatos demoravam mais tempo estudando para serem batizados. Mas eu também não critico os métodos que são utilizados atualmente. Talvez seja uma estratégia apropriada para os dias de hoje. Deve ter seu valor.

Ministério: Como a senhora vê a instituição do Ministério da Mulher?

Lygia Oliveira: Certamente há muito entusiasmo em torno do Ministério da Mulher e muitas irmãs se dedicam muito à promoção de suas atividades. É bom que as mulheres estejam trabalhando com vibração. Mas é preciso lembrar que a Igreja, em nenhum nível, jamais impediu que as mulheres atuassem. Elas sempre tiveram seu espaço e trabalharam. Conheço mulheres sem as quais os respectivos esposos nada seriam como líderes na Obra.

Há outras que se destacaram mais que os próprios esposos, como conselheiras, instrutoras bíblicas, na assistência social, etc. De modo que, olhando o passado e verificando o que as mulheres, esposas de pastores ou não, sempre fizeram pela igreja, eu não vejo o Ministério da Mulher como uma novidade ou a conquista de algo que não se possuía antes. Mas é claro que o entusiasmo é muito gratificante e louvável.

Ministério: Nas últimas assembleias da Associação Geral, a ordenação das mulheres foi assunto muito discutido. Qual a sua opinião sobre isso?

Lygia Oliveira: Confesso que não tenho uma idéia pessoal formada sobre a ordenação da mulher. Penso que a missão da mulher está centralizada no lar, a família. Mas acho possível que ela transponha esses limites, se sente ter recebido um chamado especial de Deus, que não se deixa limitar por gênero, sexo ou cor da pele. Então, se a mulher recebe a capacitação necessária para o trabalho pastoral e se engaja de alguma forma nele, talvez cheguemos à ordenação.

Eu vejo isso como uma possibilidade futura, embora ainda existam certos ângulos que eu não consegui absorver totalmente, como por exemplo, uma mulher fazendo um batismo ou realizando um casamento. Mas, com o tempo, tudo pode acontecer.

Ministério: Como a senhora vê o ministério, diante das exigências culturais e modernizadoras do mundo?

Lygia Oliveira: Quando voltamos dos Estados Unidos, em 1990, ficamos um pouco pensativos, Enoque e eu, a respeito da capacidade de alguns pastores que ouvimos. Mas com o passar do tempo, acabamos entrando em contato com ministros excelentes, altamente capacitados. Hoje, eu concluo que não podemos generalizar. Há sempre os mais talentosos e os menos talentosos. Todos, porém, com o mesmo grau de utilidade nos diversos lugares e funções para os quais são talhados. Deus usa a todos, sempre no lugar certo.

Ministério: Como esposa, que prioridades a senhora acha que deveriam caracterizar o trabalho de um pastor?

Lygia Oliveira: À parte da comunhão com Deus e da assistência devida à família, o pastor deve priorizar a nutrição espiritual do rebanho, primeiramente com bons sermões. Esta era uma qualidade de Enoque. Ele passava horas e horas preparando um sermão. Era comum vê-lo andando pela casa recitando um sermão. No preparo do sermão, um ingrediente necessário é visitar os membros, pois é aí que se conhece as necessidades deles. Estou falando pensando num pastor local, porque os administradores e departamentais estão viajando sempre de um lugar para outro, é a natureza do seu trabalho. Mas o pastor de igreja precisa conhecer as necessidades dos seus fiéis.

Ministério: Alguns pastores dizem encontrar dificuldades para visitar os membros, atualmente.

Lygia Oliveira: Realmente não é fácil. O corre-corre e a qualidade da vida moderna limitaram muitas coisas, inclusive o tempo das pessoas. Numa cidade grande, os membros só podem ser encontrados no domingo ou à noite. Mas o pastor precisa encontrar um meio de visitar o povo, pois isso é extremamente necessário. Aliás, ainda há excelentes visitantes. Sei de alguns pastores que não são grandes pregadores, mas realizam um primoroso trabalho de visitação. Nada substitui o contato pessoal.

Ministério: Que qualidades deveriam distinguir o pastor ideal, para a senhora?

Lygia Oliveira: Primeiramente deve ser um homem consagrado, que mantenha um profundo relacionamento com Deus. Deve cuidar da aparência, da saúde, ser muito estudioso para que esteja sempre bem informado sobre os assuntos do dia-a-dia, deve ser amigo, compreensivo e alegre. Enoque era uma pessoa bem-humorada. Aliás, esse era um lado de sua personalidade que poucas pessoas, além dos fami-

liares, conheciam. Em geral, ele era sempre zeloso da sua imagem, preocupado com o que os outros acabariam dizendo dele, mas em casa ele era muito alegre e brincalhão. Essa parte ele reservava para nós.

Ministério: Como a senhora avalia a Igreja e sua atua o no mundo hoje?

Lygia Oliveira: A Igreja como um todo está cumprindo o seu papel, sob a dire o de Deus. Ele continuará dando sabedoria aos líderes e membros para dar o rumo certo diante de cada situa o difícil. E sabemos que as coisas se agravarão mais. A Igreja não fracassará. Algumas idéias mais liberais estão restritas a indivíduos; e, por causa deles, não podemos julgar a Igreja.

Ministério: O que representou para a senhora ter servido à Igreja nos  mbitos continental e mundial?

Lygia Oliveira: Foi um privilegiado período que durou muitos anos e que também teve suas dificuldades. No Uruguai, nossos dois filhos ainda pequenos tiveram que voltar para o Brasil a fim de serem alfabetizados. Enoque viajava muito. Na Associa o Geral, fomos muito bem recebidos, Enoque era muito respeitado, espe-

cialmente entre os teólogos da Universidade Andrews. Também entramos em contato com outras culturas e vimos como a Igreja floresce unida na diversidade. Enfim, servir   Igreja nesse nível foi um privilégio, como o seria em qualquer circunstância.

Ministério: Como a senhora se sente hoje, desfrutando a jubila o?

Lygia Oliveira: Em toda a nossa trajetória, houve momentos difíceis, mas o saldo final não permite ficar presa a lembranças desagradáveis. Sinto-me, como sempre, plenamente feliz e realizada. Nossos filhos cresceram normalmente, protegidos de informa o que porventura pudessem minar a confiança. Afinal, o fato de termos chegado   Associa o Geral não significou ausência de desapontamentos, mas nós tínhamos o cuidado de manter isso longe deles. Dou graças a Deus por tudo. A missão está cumprida.

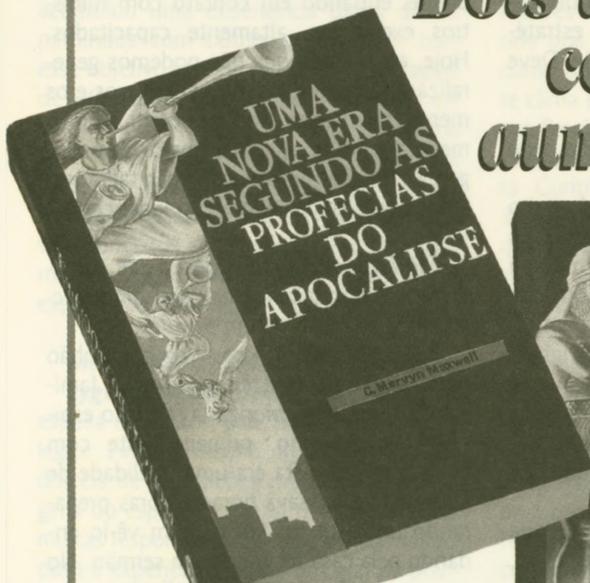
Ministério: Uma mensagem para os leitores.

Lygia Oliveira: Devemos intensificar nosso preparo para a volta de Jesus. Estamos nos portais do fim, e cada momento é extremamente precioso. Precisamos orar mais, estudar mais a Bíblia. Somente assim nos fortaleceremos. □

Dois livros fantásticos que contribuirão para aumentar seu conhecimento da Bíblia!

Peça hoje mesmo!

Ligue Grátis
0800-552616
Para Fazer Seu Pedido



Lançamento



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 34 - Tatui, SP - CEP 18270-000 - Tel.: (015) 250-8800 - Fax: (015) 250-8900 - E-mail: vendas@cpb.com.br

Cristo, nossa justiça



ROSÂNGELA LIRA

*Formada em Teologia, esposa de pastor,
reside em Guarapari, ES*

Estamos encerrando um ano em que se completam 110 anos da histórica Assembleia Geral, realizada em Mineápolis, Estados Unidos, durante a qual foi amplamente examinado e debatido o assunto da justiça pela fé. Neste artigo, desejo partilhar uma questão que até algum tempo atrás, para mim, era deveras intrigante.

Depois da experiência de Mineápolis, alguns membros da igreja, perplexos, pediram que Ellen White explicasse a relação entre a mensagem do terceiro anjo e a justiça pela fé. Ela respondeu: "Várias pessoas têm-me escrito perguntando se a mensagem da justiça pela fé é a mensagem do terceiro anjo, e eu tenho respondido: 'Ela é, na verdade, a mensagem do terceiro anjo.'" (*Review and Herald*, 1º/4/1890).

Com isso em mente, examinemos o texto bíblico de apocalipse 14:9-12: "Seguiu-se a este outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na fronte ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da Sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome. Aqui está a perseverança

dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus."

A princípio, o que podemos extrair da mensagem do terceiro anjo? Que ela fala da marca da besta, enfatiza a importância da obediência a Deus e, conseqüentemente, enfatiza o sábado como a pedra de toque. Onde entra, então, nessa mensagem que parece tão dura, a justiça pela fé? Não seria muito mais lógico afirmar que a mensagem que enfatiza a justiça pela fé é a do primeiro anjo, que fala do "evangelho eterno"?

Muitas vezes, eu lia e relia o texto da mensagem do terceiro anjo, mas não conseguia encontrar nele qualquer indício da justiça pela fé ou menção a ela. Foi então que, lendo a seção cinco, intitulada "Princípios de Salvação", do livro *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, descobri a luz para esclarecer esse problema.

Mas em que palavras, nos versos 9-12, de Apocalipse 14, encontra-se a mensagem da justiça pela fé? Nestas últimas quatro simples palavrinhas, tantas vezes passadas por alto: "a fé em Jesus." Toda tensão e mal-estar causados pela mensagem do terceiro anjo contra a besta e sua marca terminam de forma gloriosa, no hino de triunfo que conclui a mensagem e resume seus efeitos: "Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus."

A esse respeito, diz Ellen White: "A fé em Jesus tem sido passada por alto e tratada de modo indiferente e descuidado. Ela não tem ocupado a posição preeminente que foi revelada a João. A fé em Cristo como a única esperança do pecador em grande parte tem sido omitida, não somente nos sermões proferidos, mas também na experiência religiosa de muitos que professam crer na mensagem do terceiro anjo..."

"A fé de Jesus." Ela é debatida, mas não compreendida. Que constitui a fé de Jesus, que faz parte da mensagem do terceiro anjo? O ato de Jesus tornar-Se o Portador de nossos pecados para que pudesse tornar-Se o Salvador que perdoa os nossos pecados. Ele foi tratado como nós merecemos

ser tratados. Veio ao nosso mundo e levou os nossos pecados para que pudéssemos levar Sua justiça. E a fé na capacidade de Cristo para salvar-nos ampla, completa e totalmente, é a fé de Jesus.

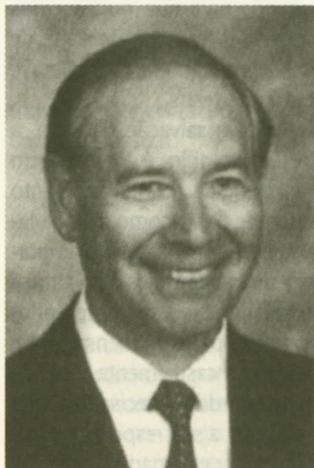
"A mensagem para salvação da alma, a mensagem do terceiro anjo, é a mensagem que deve ser transmitida ao mundo. Tanto os mandamentos de Deus como a fé de Jesus são importantes, imensamente importantes, e devem ser transmitidos com a mesma força e poder. Tem sido salientada principalmente a primeira parte da mensagem, e a última parte apenas casualmente. A fé de Jesus não é compreendida. Precisamos falar sobre ela, vivê-la, orar a seu respeito, e ensinar o povo a introduzir esta parte da mensagem em sua vida familiar." (*Mensagens Escolhidas*, vol. 3, págs. 172 e 184).

É interessante notar que o texto bíblico diz: "Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus." A palavra "guardar", aqui, vem do verbo *tereo*, que além do significado de guardar, como observar, também significa manter sob custódia, ou seja, ter sob seu cuidado, defender, proteger, resguardar. Geralmente, temos nos considerado defensores ou depositários da lei; mas será que temos, com igual ênfase, nos considerado os maiores defensores, resguardadores e proclamadores da mensagem da justiça pela fé?

Novamente, recorremos ao pensamento de Ellen White: "A lei divina deve ser engrandecida, seus reclamos expostos em seu caráter legítimo e sagrado, para que o povo seja induzido a decidir-se pró ou contra a verdade. Contudo, a obra será abreviada em justiça. A mensagem da justiça de Cristo há de soar desde uma até outra extremidade da Terra, a fim de preparar o caminho ao Senhor. Esta é a glória de Deus com que será encerrada a mensagem do terceiro anjo." (*Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 373).

"Um assunto prevalecerá, um assunto engolfará todos os outros – Cristo justiça nossa." (*Review and Herald*, 23/12/1890)

Sinais do fim



HANS K. LARONDELLE

Professor emérito do Seminário de Teologia da Universidade Andrews, jubilado, reside em Sarasota, Flórida, Estados Unidos

Muitos pregadores viam o histórico terremoto de Lisboa, ocorrido em 1º de novembro de 1755, como o cumprimento do sexto selo de Apocalipse 6:12-17. Posteriormente, eles também aceitaram o "inexplicável" escurecimento do sol, em 19 de maio de 1780, por algumas horas em alguns lugares da costa leste norte-americana como um cumprimento da predição: "O sol se tornou negro" (Apoc. 6:12). A chuva de meteoros na manhã de 13 de novembro de 1833, vista na América do Norte, foi entendida como um sinal espetacular no céu, advertindo a humanidade da iminente vinda de Cristo.

Poderíamos nós, hoje, em alguns casos, séculos depois desses eventos, manter a mesma compreensão? Afinal, eles não são tidos como tão inexplicáveis acontecimentos sobrenaturais, mas são como resultados de leis específicas e movimentos previsíveis da Natureza.

Expositores bíblicos persistentemente atribuíram o escurecimento do Sol e da Lua, em 1780, a um sobrenatural sinal cósmico

do fim. Entretanto, evidências posteriores indicaram que o escurecimento poderia ter acontecido como resultado de queimadas na floresta. A fumaça eclipsou o sol, cobrindo cerca de 40 mil quilômetros quadrados, na parte oriental da América do Norte e do Canadá. Tal evento durou apenas poucas horas, dificilmente podendo ser qualificado como o acontecimento cósmico profetizado no Novo Testamento. Mervyn Maxwell e outros reconhecem que o tão falado "dia escuro" de 19 de maio de 1780 não foi precipitado por uma intervenção direta do Onipotente, mas por causas naturais.¹

O terremoto

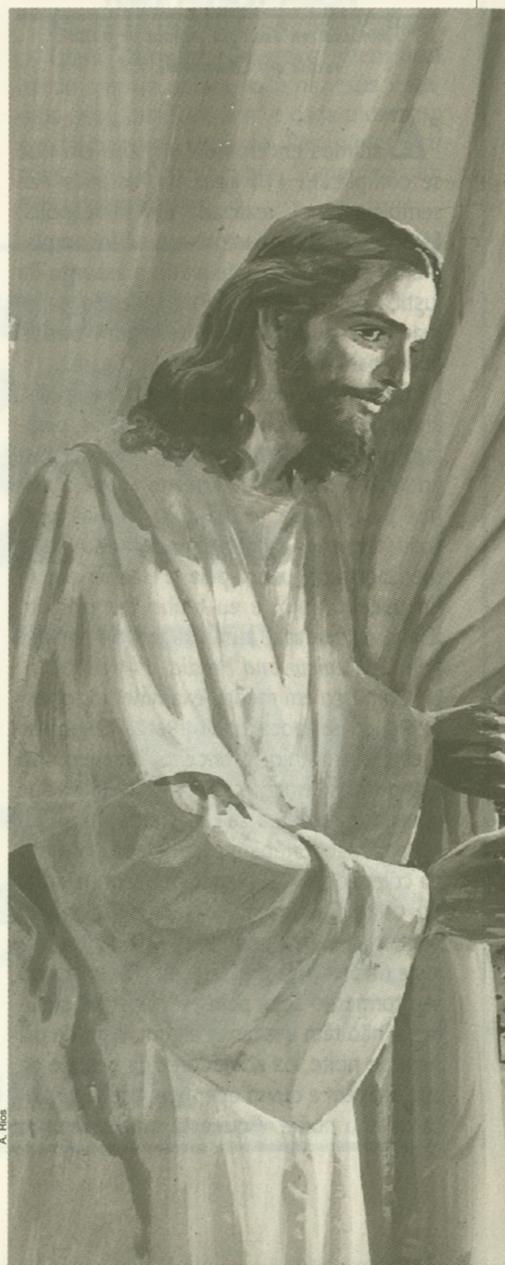
O terremoto de Lisboa, em 1755, possivelmente 8.5 na escala Richter, foi, entretanto, um tremor regional, mesmo que o abalo tenha coberto cerca de dois milhões de quilômetros quadrados; mais que um terço da Europa. A perda de vidas é estimada entre 15 mil e 30 mil, envolvendo pessoas que voltavam de 30 igrejas onde se comemorava o Dia de Todos os Santos.

Esse terremoto teve um efeito duradouro nas áreas filosófica, cultural e científica, no século dezoito. Segundo um autor moderno, "nenhum dramaturgo poderia ter estabelecido o momento dessa catástrofe com maior efeito".² Esse desastre natural realmente mudou o mundo à luz da prevalente filosofia de Leibnitz. "Os maiores fundamentos do pensamento e cultura ocidental foram profundamente abalados. A auto-suficiência da Era da Razão adquiriu uma flacidez permanente depois do terremoto de Lisboa."³

Todavia os cientistas relatam que através dos séculos os terremotos já mataram cerca de 15 mil pessoas cada ano. Antes de 1755, houve três terremotos de maior intensidade que o de Lisboa: o terremoto de Nápoles, Itália, em 1456, dizimou 30 mil vidas; em Shensu, na China, um terremoto matou 820 mil pessoas, em 1556; e o terremoto de Calcutá, em 1737, ceifou 130 mil vidas.

Depois de 1755, um tremor em Tóquio resultou em 200 mil mortos, em 1803; em 1920, o abalo de Kansu, deixou 180 mortos na China; e o terremoto de Kwanto, Japão, matou 140 mil pessoas, em 1923. Ainda na China, um terremoto causou a morte de 650 mil pessoas, em 1976.

O terremoto de Lisboa, porém, foi explicado pelos protestantes como um sinal



de proximidade do advento de Cristo. A Igreja Anglicana chegou a proclamar um dia especial de jejum, em 6 de fevereiro de 1756. Em Boston, o fenômeno foi interpretado como um precursor da destruição do mundo, segundo mencionado por Cristo em Mateus 24:7. Em 1756, o ministro congregacional Charles Chauncy comparou a crise econômica causada pelo terremoto à condição predita em Apocalipse 18 e citou-a como uma advertência para arrependimento antes do juízo. O pastor puritano, de Boston, Jonathan Mayhew explicou que o terremoto de Lisboa foi um antecedente dos sofrimentos e pragas que culminarão com grande terremoto sobre Babilônia.⁴

A chuva de meteoros

Na noite de 13 de novembro de 1833, um observador declarou que “as estrelas

estavam caindo como grossos flocos de neve”. As estimativas apontam de dez a 60 mil meteoros caindo por hora. Curiosos notaram que os meteoros todos pareciam vir da constelação de Leão. Gerald S. Hawkins, astrônomo da Universidade de Boston, mencionou que “se os cientistas ficaram perplexos com o fenômeno dos Leonídeos, podemos facilmente imaginar como se sentiram os leigos. Não sabemos exatamente quantas mortes por ataques cardíacos e suicídios poderiam ser atribuídas ao acontecimento, mas muitas pessoas na região Sul estavam em pânico, pensando que o dia do julgamento havia chegado”.⁵

Mais tarde, o astrônomo H. A. Newton, de Yale, descobriu a causa natural da chuva de meteoros leonídeos. Buscando outros relatórios, ele encontrou que uma chuva semelhante acontecia praticamente ca-

da 33 anos, começando em 902 d.C., “o ano das estrelas”. No mesmo ano, um observador italiano de Salerno estabeleceu que tratava-se do cumprimento de Lucas 21:25. O fenômeno dos leonídeos tinha sido observada nos anos 1202, 1366, 1533, 1766 e 1799.

Newton sugeriu que o fenômeno poderia voltar em 1866; ele estava correto. Uma belíssima chuva de meteoros irradiou da constelação de Leão naquele ano, numa média de seis mil por hora. Devido às previsões científicas, não houve excitação generalizada. Foi verificado que o fenômeno dos leonídeos, em vários graus de intensidade, estava ocorrendo num ciclo natural ao longo de sua grande órbita elíptica ao redor do Sol. Em 1866, William Tempel, na França, descobriu que um cometa, depois nomeado de “Tempel-Tuttle”, foi o responsável pela chuva de meteoros de Leão, quando sua



cauda de partículas de meteoros entrou na atmosfera terrestre. Ao passar muito próximo de Júpiter, em 1899, o puxão gravitacional desse planeta desviou o curso do cometa, de modo que ele saiu da rota, e a exibição celestial não ocorreu.

Muitos eruditos hoje não negam a causa natural desse fenômeno mas salientam a sua intensidade. Entretanto, em 17 de novembro de 1966, um número recorde de meteoros caiu sobre a América do Norte. O acontecimento foi melhor visto das montanhas, numa média de 1 milhão por hora.⁶ O *Livro dos Recordes de 1992* declara que "a maior chuva de meteoros ocorreu na noite de 16 para 17 de novembro de 1966, quando os meteoros leonídeos foram vistos entre a América do Norte e a Rússia oriental".⁷

Devemos lembrar que muitos que experimentaram o súbito impacto desse acontecimento histórico ficaram profundamente impressionados, vendo nele a mão de Deus em julgamento ou em preparação para o juízo final. Esses sinais levaram alguns ao arrependimento e a um senso apocalíptico de prestação de contas com Deus. Devemos respeitá-los por isso, e compreender que os sinais que eles observaram naquela tempo não apenas os ajudaram, mas também se tornaram preparatórios ou precursores dos sinais cósmicos mundiais que virão sob as sete últimas pragas.

Ademais, os sinais que eles viram como indicativos da proximidade da segunda vinda de Cristo desempenharam um papel significativo, ao chamá-los a atenção para os sinais vindouros. Assim eles prepararam o caminho para que esses sinais tenham impacto mais dramático entre aqueles que viveriam depois deles, próximos da volta de Cristo. Somente os sinais cósmicos, escatológicos, desempenharão realmente o papel de anunciar a segunda vinda de Jesus.

Novas tendências

À luz desses fatos, alguns expositores conservadores estão agora convencidos de que a interpretação tradicional desses fenômenos perdeu seu poder de convencimento. Hoje, o apelo é para a sincronização e a seqüência de tais ocorrências. "Seu aparecimento em conexão com o fim dos 1260 anos de supremacia papal antes e depois de 1798."⁸ Mervyn Maxwell explica: "Como uma série, eles vieram na ordem e no tempo apropriados. A série de sinais que teve lugar 'logo em seguida à tribulação daqueles dias' (Mat. 24:29) foi evidentemente cumprida."⁹

Essa conclusão é baseada na exegese de dois textos bíblicos: "Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o Sol escurecerá, a Lua não dará a suas claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados." (Mar. 13:24 e 25). "A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias." (Apoc. 12:6).

Embora seja assumido que essas passagens tratem dos 1260 anos (538 d.C. – 1798 d.C.), os fatos não são tão evidentes. O contexto de Marcos 13:18-25 (e Mat. 24:20-30) liga os "dias de angústia" para os seguidores de Cristo do ano 70 d.C. aos sinais cósmicos que introduzem o segundo advento. Nada no prognóstico do Monte das Oliveiras limita o tempo de angústia aos 1260 anos. Jesus também inclui o tempo de angústia sob o anticristo, porque referiu-Se especificamente a Daniel 12:1, falando da "grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais" (Mat. 24:21).

Daniel afirmara que nesse tempo Miguel Se levantará em defesa do Seu povo e muitos ressuscitarão (Dan. 12:1 e 2). A referência de Cristo ao tempo de angústia de Daniel 12, não o restringe à Idade Média, indicando assim que o Sol e a Lua deveriam escurecer depois do período mencionado por Daniel. Isso enquadra a descrição das trevas sobrenaturais, mundiais, durante as últimas pragas de Apocalipse 16:10 e 11. Não há portanto justificativa para a suposição de que o tempo de angústia mencionado em Marcos 13:14 seja idêntico aos 1260 anos de Apocalipse 12:6.

Além disso, a interpretação tradicional da queda das estrelas (Marcos 13:24 e 25), em 1833, não é completamente sólida com a premissa de que a sincronização para os sinais celestiais deve vir dentro "daqueles dias", se esses dias são calculados de 538 a 1798. A chuva de meteoros de 1833 claramente aconteceu depois desses dias.

A exegese da referência de Jesus à grande tribulação deve levar em conta o quadro total do tempo de angústia, como apresentado no quinto selo de Apocalipse 6:9-11 e 12:17; 13:15-17; 17:12-14. "Vestiduras brancas" são dadas àqueles que "vêm da grande tribulação" (Apoc. 7:13 e 14; 6:11). Essa tribulação, de fato, não está restrita à Idade Média ou aos 1260 anos.

Mais que isso, Apocalipse 12:17 aponta especificamente o tempo de angústia da Igreja remanescente, uma angústia dilatada em Apocalipse 13:15-17 e 17:12-14. Tal experiência será interrompida pela intervenção de Cristo, com o súbito escurecimento de toda a Terra, durante as sete últimas pragas (Apoc. 16:10) e o terremoto universal (Apoc. 16:18-21).

Isso é claramente descrito por Ellen White, no capítulo 40 do livro *O Grande Conflito*. Os futuros sinais cósmicos durante as últimas pragas completam com precisão a sincronização e função do período de angústia do povo de Deus no mundo inteiro.

Conclusão

Muitos expositores adventistas contemporâneos também admitem problemas exegéticos com a antiga interpretação dos sinais cósmicos. Hoje os pontos mais relevantes são o crescimento da influência mundial do papa e da América do Norte; a intensificação de tragédias naturais, em todo o mundo, e o conseqüente estabelecimento do cenário para a crise e o tempo de angústia do povo de Deus.

Num livro recentemente publicado, Jon Paulien declara: "Necessitamos de uma abordagem sábia dos eventos correntes. Catástrofes naturais são tão excitantes que é quase instintivo aos seres humanos revesti-las de significado cósmico. Fome, pestilências, terremotos, guerras e rumores de guerras não são relacionados como sinais de que o fim chegou, em Mateus 24; em vez disso, são 'sinais dos tempos' que deveriam ocorrer durante o período entre o ministério de Jesus e o fim. Cristo não deseja que os observadores de tais eventos entendam o seu significado como o imediato estabelecimento do fim. O que Ele deseja é que todos permaneçam vigilantes."¹⁰ □

Referências:

1. C. Mervyn Maxwell, *God Cares*, Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1985; 2:197.
2. W. Breidert, *Die Erschütterung der vollkommenen Welt*, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1994, pág. 6.
3. B. Walker, *Earthquake*, Alexandria, Va.: Time-Life Books, 1982, págs. 46 e 48.
4. LeRoy E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, Hagerstown, Md.: Review and Herald Publishing, 1954, 3:191.
5. Gerald S. Hawkins, *Splendor in the Sky*, Nova Iorque, Harper & Row, 1969, pág. 220.
6. *Ibidem*, pág. 222.
7. D. McFarlan, ed., *Facts on File*, Nova Iorque, 1991, pág. 12.
8. Jon Paulien in *Symposium on Revelation*, Silver Spring, Md.: Biblical Research Institute, 1:237.
9. C. Mervyn Maxwell, *Op. Cit.*, 1:214.
10. *Ibidem*, pág. 157.

Cristo e a eucaristia - II

WILSON BORBA

Diretor de Publicações da Associação Planalto Central, Brasília, DF



Divulgação

Em artigo anterior (*Ministério*, Jul./Ago. 98), apresentamos uma síntese da história e desenvolvimento da doutrina da transubstanciação, da qual depende toda a estrutura da Igreja Católica. É compreensível a importância que seus líderes dão ao projeto eucarístico, pois é propósito fazer dele o projeto do mundo, a direção da História.¹

Esta segunda abordagem do tema tem como objetivo apresentar três implicações relacionadas com a sua adoção.

Implicação hermenêutica

Os teólogos da Patrística e da Idade Média geralmente olhavam para a filosofia e literatura gregas como precursoras da teologia cristã, e até como um caminho que conduzia a ela. As opiniões de Platão (427-347 a.C.) e de Aristóteles (384-322 a.C.) eram altamente consideradas. Foi em Alexandria, no Egito, que a filosofia grega influenciou de modo marcante o cristianis-

mo. "Clemente de Alexandria foi o primeiro a aplicar o método alegórico na interpretação do Velho Testamento. Propôs o princípio de que toda Escritura deveria ser entendida alegoricamente."² Orígenes, seu discípulo, foi além dele, propondo que o Espírito Santo orientara a mensagem da Escritura em dois níveis: um para os que são realmente capazes de entender, e outro para as multidões que não a podem entender.³ Agostinho engendrou o sentido quádruplo da Escritura: literal, tropológico, alegórico e analógico. Segundo ele, "a letra mostra o que Deus faz; a alegoria mostra onde está oculta a nossa fé. O significado moral dá-nos regras da vida e a analogia mostra-nos onde terminamos nossa luta".⁴ Esse quádruplo sentido, combatido pelos reformadores no século XVI, foi finalmente abandonado.

Para a Reforma, a Bíblia só tem um sentido. Enquanto que *Sola Scriptura* era uma frase predileta de Lutero, Calvino garantia que "a Escritura interpreta a Escritura", ressaltando a importância de se estudar o contexto, a gramática, as palavras e passagens paralelas. Numa sentença que se tornou famosa, ele afirmou: "A primeira tarefa do intérprete é deixar que o autor diga o que ele de fato diz, em vez de atribuir-lhe o que pensa que ele deveria dizer."⁵

Alguns aspectos hermenêuticos deveriam pôr em guarda qualquer pessoa sincera quanto à doutrina da transubstanciação: as Escrituras interpretam a si mesmas (Luc. 24:27 e 44; João 5:39). Não se formam doutrinas bíblicas amparadas em apenas um ou dois textos. Como afirmou o apóstolo, "toda Escritura é inspirada por Deus ... para a educação na justiça." (II Tim. 3:15). É necessário, portanto, consultar o santo Livro e examinar tudo o que

ele tem a dizer sobre determinado assunto ou doutrina.

O ensino da transubstanciação não é bíblico e ampara-se em textos fora do contexto. Nada existe nem no Velho nem no Novo Testamento que favoreça consistentemente a idéia da transubstanciação. No ritual típico do santuário terrestre, o cordeiro sacrificado representava Cristo (Isa. 53:7; João 1:29; I Ped. 1:19; Apoc. 5:8-12). Era, porém, um símbolo do Salvador,



não Ele mesmo. Evidentemente, as palavras de Cristo – "Isto é o Meu corpo", "Isto é o Meu sangue" (Mat. 26:26 e 28) – referindo-Se ao pão e ao vinho, durante a instituição da Ceia, são simbólicas.

No capítulo seis do Evangelho de João encontra-se um dos textos considerados fundamentais para os defensores da transubstanciação: "Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos" (João 6:53). De imediato, parece que o Senhor Jesus Cristo está recomendando o canibalismo aos Seus seguidores. Essa tese, porém, cai por terra ao ser observado todo o capítulo. Jesus alimentara miraculosa-

mente a multidão, e o povo gostara da idéia de um multiplicador de pães e riquezas. Em linguagem forte, no entanto, o Mestre mostrou que o verdadeiro alimento, prioritário à vida, é o celestial. Ele é "o pão vivo que desceu do Céu" (João 6:51). Todavia não deve nem pode ser comida literalmente. Ele falava a respeito de Sua Palavra e doutrina. "O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida" (João 6:63).

Implicação teológica

Se a transubstanciação é na verdade o chamado sacrifício sobre o altar romano, sendo com o sacrifício realizado sobre a cruz uma e a mesma coisa, podemos tirar algumas conclusões: O segundo não faz uma *anamnesis*, ou memória (I Cor. 11:24) do primeiro, mas uma repetição desnecessária. Conforme o concílio de Trento, "neste sacrifício divino que se celebra na missa, esse mesmo Cristo, que uma vez Se ofereceu a Si mesmo em forma cruenta sobre o altar da cruz, está contido e é sacrificado em forma incruenta... este sacrifício é verdadeiramente propiciatório".⁶ Essa afirmação coloca a doutrina da transubstanciação em contraposição ao ensinamento da justificação pela fé em Cristo. Aliás, esse foi o principal motivo da acirrada oposição de Lutero à idéia da transubstanciação.

Por que precisaria Cristo morrer repetidamente no altar romano, se Deus considerou suficiente Seu único sacrifício na cruz (Heb. 9:24-28; 10:10-14)? A transubstanciação nega a unicidade e minimiza a eficiência do sacrifício do Filho de Deus, ao propor a sua repetição em cada missa. Algo que somente se explica pela profecia segundo a qual um poder se levantaria contra a validade contínua do eterno sacrifício realizado por Cristo na cruz, e Sua intercessão no Santuário celestial: "Sim, engrandeceu-se até ao príncipe do exército; dEle tirou o sacrifício contínuo, e o lugar do Seu santuário foi deitado abaixo" (Dan. 8:11). A expressão "contínuo" refere-se à validade contínua do perfeito e único sacrifício de Cristo, bem como à apresentação contínua do realizado sacrifício, que Cristo faz por meio de sua intercessão junto ao Pai, no Santuário celestial.

Enquanto os evangelhos apresentam o ministério do Filho de Deus na Terra, o livro aos Hebreus apresenta Seu ministério

no Céu. Cristo é o perfeito e suficiente sacerdote de Seu povo, intercedendo junto ao Pai (Heb. 7:21-28; 8:1-7; 9:1-28). Um ministério sacerdotal terrestre e uma repetição do sacrifício de Cristo, na Terra, só tenderiam a obscurecer a validade de Sua Obra efetuada na cruz e Sua intercessão no Céu. Na linguagem do apóstolo, seria pretender a autoridade de "assentar-se no santuário de Deus" (II Tess. 2:3 e 4).

O exercício da transubstanciação exige a presença de sacerdotes, os quais, segundo o ensino do Novo Testamento, apenas eram tipos do Sumo Sacerdote celestial, Cristo Jesus (Mat. 7:51; Efés. 4:11 e 12; Heb. 8:1, 2, 6 e 7; 10:1-12). A manutenção do modelo tipológico representa uma volta aos tempos do Velho Testamento, confundindo assim o adorador quanto aos aspectos da teologia no tempo presente.

A doutrina da transubstanciação acaba desviando os olhos do crente das claras etapas do plano da redenção: promessa, ritual do Santuário, morte de Cristo, intercessão no Santuário celestial,



*A transubstanciação
nega a unicidade
e minimiza a eficiência
do sacrifício do Filho de
Deus, ao propor a sua
repetição em cada missa.*

juízo pré-advento, purificação do Santuário celestial, segunda vinda de Cristo. É uma doutrina que basicamente ensina a justificação pelas próprias obras, pois Cristo Se torna monopólio do sacerdote. O povo tende a colocar mais confiança no suposto sacrifício da missa, que no único e perfeito sacrifício realizado uma vez por todas na cruz.

A 22ª sessão de Trento definiu a realidade sacrificial da missa como um sacrifício

oferecido pelos vivos e pelos mortos.⁷ Por isso, alguns vêem no sacrifício da missa, uma forma de ocultismo, reminiscência dos antigos cultos pagãos.

A síntese da doutrina católica com a filosofia grega na transubstanciação aconteceu quando Tomás de Aquino procurou explicar como o pão e o vinho se transformam no corpo e no sangue de Cristo sem alterar as aparências. Para ele, este seria um mistério que pertence à esfera da metafísica.⁸ O mesmo Tomás de Aquino afirmou que o corpo de Jesus estaria presente na eucaristia apenas substancialmente, mas não localmente. Isto é, o corpo de Cristo estaria em um local no Céu, mas estaria presente em substância,

alma e natureza divina na eucaristia. Esse conceito, porém, abala a Cristologia, pois como poderia Jesus estar localmente no Céu e, substancialmente, com a alma e natureza divinas em cada ceia? Além disso, abala também a pneumatologia; afinal, qual a razão pela qual Jesus teria enviado o Espírito Santo, que é Deus não embaraçado com a natureza humana, para representá-Lo na Terra?



Implicação evangelística

A cruz do Calvário, e o que nela ocorreu, tornou-se o centro da teologia e da pregação apostólica. Paulo escreveu aos coríntios: "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado." (I Cor. 2:2). A pregação de Paulo e dos apóstolos era suficiente, porque apresentava o poder da cruz. "Pois a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus." (I Cor. 1:18). A glória dos cristãos estava na cruz do Calvário "Mas longe esteja de mim gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo." (Gál. 6:14).

É evidente que o centro da pregação apostólica não foi o projeto eucarístico, mas o projeto do calvário. Comprometer a unicidade e suficiência do sacrifício de Jesus na cruz torna confuso o caminho para o Céu. O apelo evangelístico enfraquece ao trocar Cristo uma única vez morto na cruz pelo Cristo morto e transubstanciado milhões de vezes nos altares romanos. Troca-se qualidade por quantidade, confundindo a memória da morte de Cristo com Sua morte real.

"É pois deixar de anunciar a morte de Cristo de qualquer maneira no interior desta morte, mas ao lado dela. Toma-se então a cria por uma repetição do sacrifício de Cristo de propiciação por Si mesmo e em Si mesmo."⁹ A seguinte declaração poderia ser suficiente para alertar o adorador sincero: "O serviço religioso da Igreja romana é um cerimonial assaz impressionante. O brilho de sua ostentação e a solenidade dos ritos fascinam os sentidos do povo, fazendo silenciar a voz da razão e da consciência. Os

olhos ficam encantados. Igrejas magnificentes, imponentes procissões, altares de ouro, relicários com pedras preciosas, quadros finos e artísticas esculturas apelam para o amor do belo. O ouvido também é cativado. A música é inexcusável. As belas e graves notas do órgão, misturando-se à melodia de muitas vozes a ressoarem pelas elevadas abóbadas e naves ornamentadas de colunas, das grandiosas catedrais, não podem deixar de impressionar a mente com profundo respeito e reverência. Este esplendor, pompa e cerimônias exteriores, que apenas zombam dos anelos da alma ferida pelo pecado, são evidência da corrupção interna."¹⁰

Concluimos que a transubstanciação surgiu e se desenvolveu em ambiente influenciado por alegorismo, neoplatonismo, aristotelismo e pouco conhecimento das Escrituras Sagradas. O Senhor Jesus Cristo instituiu a ceia do Senhor, e não o sacrifício da missa ou a transubstanciação. Suas palavras são simbólicas. O pão é um símbolo do Seu corpo, o vinho, um símbolo do Seu sangue. A Igreja faz memória, não sacrifício.

O contexto da ceia é de salvação (Luc. 22:20) e não de um sacrifício local. Repetindo o sacrifício de Cristo, a transubstanciação torna-se uma anomalia teológica que, por supervalorizar a eucaristia, separa o adorador do Calvário e da segunda vinda de Jesus. A Ceia do Senhor é uma cerimônia de grande importância. Os que, no devido espírito, dela participam olham para Cristo em Seu infinito sacrifício na cruz, e pela fé O contemplam retornando em glória e majestade. Renovam o vigor espiritual bem como seus votos de amor e fidelidade Àquele que por eles morreu, ressuscitou, intercede e há de vir buscá-los para Seu eterno reino. Por ocasião da Ceia do Senhor, Ele é representado pelo Espírito Santo (Mat. 28:20; João 14:16 e 26). O comer do pão e o beber do cálice demonstram a fé do participante no que os símbolos representam. Por isso, o apóstolo declarou: "Pois todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor até que Ele venha." (II Cor. 11:26). □

Referências:

1. Arturo Paoli, *Fraternidade no Mundo, Exigência da Eucaristia*, São Paulo, Edições Paulinas, 1980, pág. 80.
2. Louis Berkhof, *Princípios de Interpretação Bíblica*, Rio de Janeiro, JUERP, 1985, pág. 22.
3. E. E. Zinke, *Abordagens da Teologia e dos Estudos Bíblicos*, Brasília, DF, DAS, 1979, pág. 7.
4. Henry A. Virkler, *Hermenêutica*, Miami, Editora Vida Nova, 1987, pág. 46.
5. *Ibidem*, pág. 49.
6. Theodore G. Tappert, *La Cena del Señor*, Porto Rico, Editorial La Reforma, s/d, pág. 18.
7. Ruet, *A Missa na História*, São Paulo, Edições Paulinas, 1981, pág. 115.
8. Tomás de Aquino, *Exposição Sobre o Credo*, Rio de Janeiro, Presença Edições, 1975, pág. 98.
9. Jean-Jacques von Allmen, *Estudo Sobre a Ceia do Senhor*, Duas Cidades, 1968, pág. 125.
10. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 30ª ed., Casa Publicadora Brasileira, Santo André, SP, 1985, pág. 566.

O evangelismo do novo milênio

DAVID GYERSTON

*Ph.D., presidente do Asbury College,
Wilmore, Estados Unidos*



Divulgação

A medida que nós nos aproximamos do fim do século vinte, e nos preparamos para um novo milênio, o terceiro na história cristã, necessitamos, como líderes, pensar seriamente e avaliar com oração a condição da igreja.

Quão bem estamos nós cumprindo a grande comissão, dada por Cristo, de fazer discípulos de cada nação, tribo, língua e povo?

Novas tendências indicam um alarmante declínio na influência do pensamento e experiência cristãos na cultura ocidental contemporânea. Durante os últimos 50 anos, a cristandade americana estabeleceu o passo para a obra mundial do reino. Isso foi um poderoso movimento que agora se encontra em declínio. Atualmente, mais da metade da população dos Estados Unidos não está afiliada a nenhuma denominação religiosa. Muitas igrejas têm mantido o mesmo número de crentes, ou diminuído, nas últimas décadas.

Além disso, a porcentagem de membros caiu cerca de 10% enquanto a população em geral cresceu quase 12% no mesmo período. Mais preocupante ainda é a perda de memória, moldura e referência cristãs. Menos da metade da população adulta-jovem, os emergentes líderes do amanhã, tem alguma forma de treinamento e contextualização religiosa.

Internacionalmente, as tendências são mais encorajadoras. Há sinais de renovada vida espiritual nas Américas Central e do Sul, na Índia, na antiga União Soviética, e no Extremo-Oriente. A explosão do evangelho na América Central é simplesmente fantástica; alguns acreditam que, se o atual crescimento continuar, toda a região poderia entrar no novo milênio como o continente mais cristianizado da Terra.

Indubitavelmente, a Igreja está se aproximando de uma era repleta de desafios sem precedentes. Os líderes cristãos através do mundo, de modo particular no Ocidente, devem trabalhar com a questão sobre como um evangelho, nascido em uma cultura de sandálias e velas, e sustentado através dos tempos por uma ênfase na estrutura eclesial, e na ortodoxia teológica, pode ser efetivo num futuro dominado pelo relativismo moral, autocentrismo e pela cibernetica. O que revitalizará o evangelho para a próxima geração, o próximo século e, caso Jesus não volte, o próximo milênio?

Avançando na missão

Primeiramente, um evangelho que se encaixe no século 21 deve estar ancorado pelo mandato e comissão da Igreja primitiva. Colocando de modo mais simples, nossa imutável vocação é dupla, destacando-se em primeiro lugar o modelo do "grande mandamento": "E um deles, intérprete da lei, experimentando-O, Lhe perguntou: Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu-lhe Jesus:

Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas." (Mat. 22:35-40).

O outro modelo é o da "grande comissão": "Jesus, aproximando-Se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século." (Mat. 28:18-20).

Assim, Jesus deixou duas claras e inequívocas tarefas. A primeira é amar a Deus com a totalidade do ser, encontrando nesse amor Sua paixão por um mundo ferido e à beira da perdição. Amando nossos semelhantes como a nós mesmos, somos chamados a desempenhar um papel nos negócios do Pai, o qual é definido como fazer discípulos em todos os recantos e culturas do mundo.

Ao adotarmos Seu mandato e implementarmos Sua missão, devemos levar em conta Suas sugestões, como Alguém que introduziu com sabedoria Sua própria mensagem no primeiro século. No encontro que teve com a mulher samaritana (João 4:1-42), Cristo estabeleceu um modelo para ministros que trabalham com cada pessoa e cultura através da história humana. Com esse relato em mente, enumeramos alguns elementos fundamentais que, acreditamos, serão as características do ministério da Igreja no próximo século.

Valorização pessoal

Em João 4:4, Jesus Cristo interrompeu planos e programas de Sua cultura, ao dirigir-Se da Judéia para a Galiléia, tomando

um desvio, com um propósito de alcançar pessoas. "E era-Lhe necessário atravessar a província de Samaria", diz o relato bíblico. Essa alteração na rota violava as normas sociais. Os observadores hebreus queriam resistir à significativa inconveniência de evitar um contato com os samaritanos, que, de acordo com o que descreviam, tratava-se de uma classe inferior, teologicamente pervertida. Mas Jesus necessitava ir a esse lugar, porque o seu povo necessitava dEle.

Em uma época dirigida pelos efeitos especiais de filmes como "Titanic", é bastante tentador canalizar grandes porções de tempo, energia e recursos em programas e

coisas. Se descuidarmos, a encenação, mais que a audiência, o santuário, em vez dos adoradores, se tornarão o involuntário fim. Numa sociedade crescentemente despersonalizada por sistemas, números e informatização, em grupos oprimidos pelos sentidos e pelo espetáculo, o testemunho honesto e simples de indivíduos transformados por um encontro pessoal com Cristo será a estratégia missionária mais efetiva.

Necessitamos de uma geração de líderes cristãos que enfatizem a pessoa, pois muitos vivem carentes de uma atenção individualizada. Um testemunho cristocêntrico produzirá uma comunhão digna do nome do Mestre, no terceiro milênio.

Proclamação

No ministério de Cristo, o conteúdo sempre foi mais importante que o rótulo. Sua obra mistificou e mudou o povo dos Seus dias. Ele ensinou com autoridade, diferentemente dos escribas e fariseus, que falavam primeiramente ancorados na tradição. Durante o encontro com a mulher samaritana, Jesus estava mais preocupado com a mensagem do que com o meio. Ele queria estar seguro de que a mulher mantinha seu foco sobre a água e não sobre o balde. "Se conheceras o dom de Deus e quem é que te pede: dá-me de beber, tu Lhe pedirias, e Ele te daria água viva." (v. 10).

Divisamos uma desesperada necessidade de proclamação profética, sincera, transformadora de vidas, na Igreja do novo milênio. Quanto tempo faz desde que uma mensagem assim ardeu em nossos ossos, de tal forma que nos sentimos estar sendo consumidos? Quanto tempo faz desde que a pregação era nossa maior paixão, e o tempo de preparo para apresentar uma mensagem era a nossa prioridade absoluta? Quanto tempo faz desde que as pessoas deixaram o templo, tão cientes do que viram e ouviram que chegaram a dizer: "Senhor, vejo que Tu és profeta"? (V. 19).

Julian C. McPheeters, vice-presidente do Seminário Teológico de Asbury, disse certa vez: "Prepare-se completamente, ore com seu próprio fervor, e pregue com sua própria empatia." Embora a relevância e o estilo sejam importantes, o conteúdo é a maior prioridade. Quão agradecido sou por aqueles que pregam a Palavra de Deus, com poder, consagração e convicção profética! Uma mensagem assim pronunciada, produz vida porque, primeiramente, vivificou o pregador. Líderes efetivos no próximo milênio serão aqueles nos quais a palavra de Deus habita de forma abundante. A ênfase no "grande mandamento" e na "grande comissão", dada pelas igrejas no século 21, as tornará agentes de apaixonada proclamação profética, e de todo o conselho de Deus.

Encarnação

Além de o evangelho do próximo milênio estar mais relacionado com pessoas do que com programas, ser mais proclamação do que apresentação, também será menos institucional, mais pessoal. Jesus não foi muito longe em Seu diálogo com a mulher de Samaria, sobre forma e instituição. Onde se deve adorar: no monte ou no tem-



plo? Eis a questão levantada nos versos 20-22. A resposta de Cristo é uma das mais importantes para o movimento do terceiro milênio cristão: nós adoramos uma pessoa, não um lugar.

Uma das mais significativas tendências da sociedade contemporânea é o abandono da marca de lealdade. Isso é particularmente verdade, hoje, na igreja histórica, denominacionalmente ancorada. O grito do coração moderno é "Senhor, queremos ver a Jesus" (João 12:21). Nossa conformação com o que sempre foi feito antes, pode ser um dos maiores empecilhos para o que Deus deseja fazer no futuro. Algumas pessoas sugerem que as cinco últimas palavras da igreja são: "Nós nunca fizemos assim antes."

Esclareço, antes de mais nada, que sou um tradicionalista com uma paixão por aprender lições daqueles que vieram antes de mim. Particularmente creio no valor de uma conexão da igreja com a teologia histórica. Porém, o perigo está em se querer fazer da conexão e da teologia o fim, e não o meio. Em muitas igrejas as borboletas estão indo embora, e nós estamos cultuando a empatia pelo casulo que elas deixam atrás de si.

Embora teologia e eclesiologia sejam importantes, a igreja do próximo milênio será aquela onde a presença de Cristo seja claramente bem-vinda. Os líderes do próximo milênio estarão ancorados pela ortodoxia bíblica essencial e ortopraxia do passado, sem desconsiderar o desafio de revelar a pessoa de Jesus à presente época. A Encarnação foi a resposta à irrelevância e ao legalismo insensível da Igreja no primeiro século. Será a resposta para as mesmas coisas no século 21.

Mais que informação

No diálogo com a mulher samaritana, Jesus redireciona o culto, de um lugar de informação para um relacionamento de celebração: "Vós adorais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos... Mas vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para Seus adoradores. Deus é Espírito, e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade." (Vs. 22-24).

Na Igreja do novo milênio, haverá um amadurecimento do culto, uma crescente celebração Àquele que nos redimiu, em lugar de uma repetição do que o passado revelou a Seu respeito.

O perigo reside, entretanto, em uma supervalorização da experiência pessoal e entusiasmo. Nesse caso, o evangelho pode se tornar aquilo que primariamente ministra para mim em lugar do que faz através de mim. Sem a salvaguarda de uma razão de ser da "grande comissão" e de uma ortodoxia centralizada nas Escrituras, a experiência pessoal torna-se a medida daquilo que é tanto essencial como verdadeiro. Acabamos cultuando o culto, caindo na mesma insinceridade dos que vieram antes de nós. Ele, o Senhor, não nós, deve Se tornar o centro do louvor. O fruto de tal celebração será uma renovada e acentuada paixão por um mundo que está longe de conhecê-Lo. Os líderes mais efetivos do século 21 serão aqueles que, ouvindo o clamor do coração do Pai, conduzirão seus liderados a um relacionamento cético centralizado nEle que é Espírito e Verdade.

Intercessão

Finalmente, a Igreja do próximo milênio deve encontrar-se a si mesma comprometida com a intercessão transformadora, em lugar da condenação confrontadora. É interessante como Jesus ignorou os argumentos culturais e querelas teológicas superficiais de Seus dias, para centralizar a atenção no trabalho de transformar pessoas. A mulher com quem Se encontrou junto ao poço de Sicar era uma samaritana e adúltera. Mas Ele olhou além do que ela era para vê-la como poderia ser. Viu então uma pecadora com potencial de santidade. Jesus não desperdiçou tempo engajando os discípulos em suas questões a respeito de Seu desprezo pelas tradições ou sobre o caráter da mulher. Ela era claramente errada, mas Jesus sabia que poderia ser transformada.

Semelhantemente aos discípulos, muitos líderes manifestam uma atitude belicosa em vez de uma postura reconciliadora em relação aos pecadores. Preocupa-me o dramático crescimento da retórica e procedimentos seculares na Igreja. O uso da ironia, do sarcasmo e humor condescendente do nosso povo e dos nossos púlpitos não refletem a humildade e caridade características de Cristo. Estratégias separatistas e partidárias parecem longe do modelo de um Salvador profundamente comprometido em mudar o pensamento e o modo de vida de pecadores e publicanos.

Nós também nos dirigimos e agimos, freqüentemente, em tons que refletem arrogância e ira para com aqueles de quem

discordamos. Embora seja importante que defendamos e busquemos a justiça, devemos tomar posições sem usar linguagem e metodologia que contradiga e mesmo negue a dignidade de nossa mensagem. Cristo nos chama para alcançar e transformar; não para destroçar e destruir nossos inimigos. Se é verdade que Ele não deseja que ninguém se perca, então ninguém está além da possibilidade de ser alcançado por Sua maravilhosa graça. Nossas palavras e ações devem refletir essa convicção.

Acredito que Jesus era tão hábil para relacionar-Se tão efetivamente com um mundo perdido, porque Ele Se mantinha em comunhão íntima com o Pai. Quanto mais profundamente me comprometo com mudar o estilo de vida das pessoas, orar por elas, tanto mais minhas atitudes e palavras estarão temperadas com a pessoa e paixão de Cristo. A Igreja do próximo milênio verá cada pecador com potencial de santidade. Essa perspectiva será adquirida somente em íntima e disciplinada comunhão com um Deus que derrama lágrimas sobre um mundo sofredor.

Os enviados

A conclusão das palavras de Jesus dirigidas aos discípulos em Sicar tem uma relevância incomum para os líderes da Igreja na Era que está diante de nós: "Não dizeis vós que ainda há quatro meses até à ceifa? Eu, porém, vos digo: erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa. O ceifeiro recebe desde já a recompensa e entesoura o seu fruto para a vida eterna; e, dessarte, se alegram tanto o semeador como o ceifeiro." (João 4:35 e 36).

Essas mesmas palavras devem ser ouvidas novamente pela Igreja e seus líderes da atualidade, se é que realmente queremos conhecer e fazer a vontade do Pai, no próximo milênio. Vamos colocar em prática o "grande mandamento", amando a Deus com todo o nosso ser. Vamos nos rededicar à "grande comissão", convictos de que enquanto focalizarmos mais sobre pessoas do que programas, mais proclamação do que apresentação, mais encarnação do que instituição, mais celebração do que informação, e mais intercessão do que condenação, podemos cumprir o plano para que todos ouçam que Jesus Cristo é Senhor para a glória de Deus o Pai.

A quem Ele enviará para conduzir a igreja no século 21? Aqueles que, em amor profundo pelo Senhor, derem-se a si mesmos, apaixonadamente, para a colheita. □

A maior tentação de Cristo

ODAILSON FONSECA

*Concluinte do curso de Teologia
do Instituto Adventista de Ensino*



Tentação é sempre uma experiência constante na vida humana. É um fato aceitável e não envolve maiores questionamentos. Mas a elaboração deste artigo não foi motivada pelo pensamento de analisar as tentações que assaltam os seres humanos, nem seus atos pecaminosos resultantes. Nosso objetivo é focalizar sobre a tentação essencial que rondou Jesus Cristo, durante o Seu ministério terrestre. Como sabemos, a Seu respeito é dito haver sido "tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Heb. 4:15).

Qual foi a maior tentação enfrentada por Jesus? Antes de prosseguirmos, devemos lembrar que, em se tratando de ques-

tões relacionadas com a Encarnação, precisamos estar submissos ao conselho de Ellen White quando afirma ser esse tema um dos grandes mistérios a serem desvendados na eternidade. Dessa forma, encaramos nossa limitação humana e temos de nos conscientizar do fato de que nem tudo poderemos entender plenamente. Contudo, isso não significa que não possamos extrair o máximo do que está revelado nas Sagradas Escrituras.

Não podemos penetrar na questão da maior tentação de Cristo sem antes examinar um dos textos mais significativos e profundos da Bíblia: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte, e morte de cruz." (Fil. 2:5-8).

Divindade renunciada

A primeira questão que desejamos ressaltar nessa declaração do apóstolo Paulo é a expressão "em forma de Deus". Percebemos aqui que o interesse do autor é revelar a natureza de Cristo; mostrar Sua essência divina. Cristo não era apenas aparência de Deus, mas possuía as características essenciais e os atributos de Deus. Jesus não era apenas como Deus, Ele era Deus (João 1:1 e 14). Evidentemente mais que um ser humano, e mais elevado que um anjo, Ele era o agente do Pai na criação do Universo. Sua natureza divina é explicitamente confirmada para aqueles que duvidam de Sua participação como membro da Trindade.

Porém, chegamos ao versículo sete e

nos deparamos com o fenômeno mais impressionante do plano da salvação. Lemos que Cristo "a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo". Essa declaração é uma pérola da literatura paulina. Neste momento, o leitor, conduzido pela inspiração apostólica, penetra na intimidade do processo da Encarnação. O que se vê aí é a realidade de um Deus onipotente esvaziando-Se de Si próprio a fim de tomar a forma humana e Se identificar com Suas criaturas. Podemos nos aprofundar um pouco mais se analisarmos as expressões aqui utilizadas.

A expressão original, traduzida por "Se esvaziou" é o termo grego *kenoo*, que também significa "tornar sem efeito", "anular", ou "privar-se de". Cristo deixou de lado Seus atributos divinos. Ele privou-Se de agir como Deus, o que está longe de significar que em algum momento Ele tenha deixado de ser Deus. Afinal, não poderia perder aquilo que Ele é na Sua essência. No entanto, a fim de submeter-Se a todas as condições da vida humana, Ele privou-Se temporariamente de Seus atributos divinos. Não Se despojou de Sua divindade; apenas decidiu não utilizá-la.

Isso não é tão simples como pode parecer, pois existe algo mais incrível por trás deste gesto de esvaziamento, que é a intencionalidade do processo. Ele foi voluntário. Essa autolimitação do Deus criador foi uma decisão Sua. Algo de iniciativa própria. Deus escolheu voluntariamente ignorar Suas qualidades celestiais criadoras. Recusou a utilização do Seu próprio poder intrínseco, para que pudesse ser como nós.

Para o cumprimento do plano da salvação, o Messias, que resgataria o homem do pecado, teria de vir como o homem antes do pecado, isto é, como Adão. Ao decidir por uma divindade apenas potencial,

Cristo compartilharia plenamente da condição humana em sua fraqueza e sorte.

Essa identificação de Cristo com o homem nos ajuda a entender a sinceridade das Suas palavras, segundo João 5:30, quando disse: "Eu nada posso fazer de Mim mesmo." A vida de Jesus aqui na Terra foi uma vida de dependência do Pai. Cristo "não veio para viver como Deus, mas para viver em obediência a Deus como ser humano e vencer onde Adão e Eva caíram" (George Knight, *My Gripe With God*, pág. 80).

A comunhão que Jesus Cristo manteve com Deus serve de exemplo para todos

peito a Cristo, essa fonte também estava dentro d'Ele. Poderia utilizar Suas potencialidades divinas no primeiro impulso de vontade. O único problema é que se isso fosse feito, o plano da salvação cairia por terra. Ele deixaria Sua condição de homem obediente, e Satanás estaria certo da acusação de que é impossível ao homem obedecer a Lei de Deus.

É aqui que encontramos o foco maior das tentações que Jesus sofreu. Caso Satanás simplesmente conseguisse levá-Lo a desistir da condição de esvaziamento, apenas uma vez, persuadindo-O a usar Seu próprio poder, venceria a batalha. O mun-

mente. Sua vida foi uma constante rendição do Eu e submissão a Deus pela obediência. Satanás tentou devorar Jesus em cada respiração, e a cada passo cancelar Sua missão.

Uma dessas tentativas que, embora muito economicamente, foi relatada pelos evangelhos, aconteceu logo após Sua unção para o ministério público. Ele acabara de ser batizado e foi para o deserto onde passou 40 dias e 40 noites em comunhão com o Pai. E o inimigo aproveitou a chance para Lhe fazer algumas sugestões.

"Então o tentador, aproximando-se Lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães." (Mat. 4:3). Depois de um período superior a um mês sem alimento, Jesus em Sua humanidade estava sentindo a necessidade mais básica do ser humano: a fome. A sugestão era oportuna. Confesso que em minha infância eu não conseguia entender muito bem a importância dessa tentação, e chegava até a duvidar da sanidade do tentador. O que é compreensível, pois aquela situação nunca foi uma tentação para mim. Eu não posso extrair pão das rochas. Mas Jesus podia, e aí estava a diferença. Ele não somente havia criado aquelas pedras, mas todo o Planeta. Sequer precisaria de pedras para fazer um pão. Com a fome que seguramente sentia, essa era sem dúvida uma sugestão atraente.

Mas não podemos ser ingênuos a ponto de resumir todo o problema a uma simples tentação para satisfazer o apetite, ou para provar algo a um anjo incrédulo. A verdadeira questão que estava em jogo era a utilização do poder divino em benefício próprio. O interesse do diabo era que Cristo revertesse o auto-esvaziamento, usando Seu divino poder para satisfazer Suas próprias necessidades, agir independentemente do plano de Deus.

Mas ainda existe algo além disso. Numa região como a Palestina, abundante em gente faminta e rochas inúteis, fundar uma padaria milagrosa seria uma forma bem mais atraente de estabelecer um reino do que pela cruz. Distribuir pães quentinhos para todo mundo seria um gesto mais indolor que ostentar uma coroa de espinhos. Essa intenção evasiva é a inspiração para o próximo ataque:

"Então o diabo O levou à cidade santa, colocou-O sobre o pináculo do templo. E Lhe disse: Se és Filho de Deus atira-Te abaixo, porque está escrito: Aos Seus anjos ordenará a teu respeito; que te guardem. Eles Te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra." (Mat. 4:5 e 6). Pode-



nós e nos mostra que é possível obter o mesmo poder. Foi assim com os discípulos que, após a ascensão, cheios do Espírito Santo, curavam doentes e ressuscitavam mortos, como Jesus fazia.

A grande luta

Podemos agora penetrar na essência do esvaziamento realizado por Cristo. Como ninguém esvaziou Jesus, o que torna Seu gesto um ato voluntário. Ele poderia reaver Seu poder a qualquer momento. Bastava querer e todo o poder divino estaria pronto para ser colocado em ação. Aqui encontramos mais uma diferença entre Jesus e nós. Nossa única fonte de poder se encontra fora de nós; enquanto no que diz res-

do estaria perdido para sempre. Essa foi a grande luta de Cristo: "a batalha da fraqueza". Nesse ponto, Satanás concentrava todas as suas forças. Foi "sobre o voluntário auto-esvaziamento de Cristo que estavam fundamentadas todas as Suas tentações". (*Ibidem*).

Nesse ponto, descortina-se diante de nossos olhos uma nova realidade acerca da vida do Filho de Deus – a negação própria. Quando refletimos a respeito do auto-esvaziamento de Deus na Encarnação, temos de admitir que Sua vida inteira na Terra foi uma vida de morte. Manter-se no nível da humanidade débil e fraca e, ao mesmo tempo, rejeitar usar Sua divindade foram o peso da cruz que carregava diaria-

ríamos nomear essa situação de "o salto para a fama". Naquele momento, o inimigo vale-se das Escrituras para levar Jesus a provar Sua divindade através de um salto mortal.

Se a sugestão é um absurdo para nós, para Cristo talvez não fosse uma má idéia. Afinal, os judeus não estavam ansiosamente esperando por sinais que identificassem o verdadeiro Messias? Esse seria o ideal, uma fantástica aparição d'Aquele que viria purificar o templo e o mundo. Um super-herói que os libertaria da vergonha e opressão impostas pelo regime romano.

O salto do pináculo do templo foi uma real tentação para Cristo, porque seria, inquestionavelmente, a mais popular maneira de ganhar seguidores. Qualquer pessoa que quisesse instituir um novo reino saberia ser este um caminho bem mais fácil do que por meio de pregos e horrores sofridos na cruz. Jesus sabia disso; porém, mantinha claros diante de Si os reais propósitos da Sua missão: obediência até à morte de cruz.

"Levou-O ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e Lhe disse: Tudo isto Te darei se, prostrado, me adorares." (Mat. 4:8 e 9). Deparamo-nos agora com a última tentação desta investida satânica contra Jesus. Essa tentação envolvia Seu caráter santo com a ambição humana. O "príncipe do mundo" promete a Cristo todo o poder do mundo se Ele apenas seguir o seu programa maligno. Satanás havia seqüestrado o mundo e agora propõe um meio mais simples e fácil de resgate que a entrega da vida e o derramamento de sangue no Calvário.

Novamente a tentação envolvia um atalho para o cumprimento da missão de Cristo. Numa tentativa bem planejada, o adversário tenta convencê-Lo de que Sua jornada na Terra poderia ser bem mais suave; o caminho percorrido não precisaria ser manchado de sangue e dor. As propostas tinham como objetivo persuadi-Lo a ignorar a necessidade da cruz. Por trás das promessas de futuro brilhante estava a afiada lâmina da intenção satânica de romper o propósito divino de submissão, obediência e humilhação.

Cristo não poderia desligar-Se em momento algum do Pai, ou então o plano da redenção estaria inutilizado.

Entrega absoluta

Como vimos, todas as tentações de Jesus tinham como objetivo levá-Lo a agir independentemente do Pai, através do uso do poder divino em benefício próprio. Os ataques inimigos foram desferidos com

um só propósito: afastá-Lo do plano de Deus. As oportunidades de mudanças para um plano mais suave foram constantes.

As tentações do deserto foram uma amostra da totalidade de ciladas que ele enfrentou durante Sua vida terrestre. Nos relatos sagrados, são encontradas outras situações igualmente tentadoras, embora perigosamente até mais sutis. Certa vez, por exemplo, o Mestre viu-Se confrontado com a possibilidade de estabelecer o "reino do lanche", após alimentar milhares de famintos com a merenda de uma criança (João 6:14). Noutra ocasião, podemos encontrá-Lo recebendo um conselho sincero de Seu bem-intencionado discípulo Pedro. Aos olhos daquele pescador, um homem que desejava instituir um novo reino não podia ter crises de auto-estima e autopiedade, com pensamentos de mártir (Mat. 16:22). A reação de Cristo nos alerta acerca do perigo que envolvia aquela sugestão.

*A maior luta
de Cristo
deve ser a nossa luta:
permanecer
submissos aos propósitos
divinos.*

O mesmo que Ele enfrentaria mais tarde quando fosse majestosamente introduzido pelas ruas de Jerusalém (João 12:12) e que seria abertamente revelado através das gotas de sangue no conflito do Getsêmani: o recusa permanecer divinamente rendido. Aquele grito suplicante "faça-se a Tua vontade" (Mat. 26:42) era revelador do propósito mais intenso e ameaçado da vida de Jesus. Na submissão permanente de Sua vontade à do Pai, concentrava Satanás os ataques mais duros. Essa foi a maior tentação enfrentada pelo nosso Salvador.

Por fim, encontramos o clímax de Seu ministério de obediência, quando visualizamos a imagem materializada do Deus esvaziado de Si mesmo sendo esticada e pregada no patíbulo. Ao mesmo tempo em que a Natureza silenciosa numa escuridão assustadora, percebemos o supremo exemplo de submissão à vontade de Deus

que se revela pelo próprio Deus, na pessoa do Seu Filho, pendurado numa cruz.

O que mais impressiona é que a vida de Cristo não foi como a dos perseguidos cristãos primitivos. Sua morte não foi, à semelhança dos mártires, como a de uma vítima indefesa. Esses não tinham condições de luta nem poder para evitar a dor. Mas com Jesus foi diferente. Ele poderia ter escapado. Desde as pedras do deserto até à montanha do Calvário Ele poderia agir poderosamente. Poderia ter matado a fome, assim como poderia ter descido da cruz. Mas esse não era o plano do Pai. Essa não era a condição do nosso resgate. Da luta de Sua própria força divina contra a Sua vida humana de esvaziamento Ele completou o plano da salvação.

Impressiona-nos tamanho espetáculo de amor e submissão. Quando observamos esta realidade de limites práticos na vida de Cristo, somos levados a aceitar Seu imenso exemplo de autocontrole e humildade. Também nos sentimos envergonhados diante do tamanho de nosso desprezo por Ele. Porém esse Cristo Salvador, que nos impressiona, não deve ser apenas admirado. Precisamos voltar à Bíblia e descobrir a complexidade envolvente desta obra de salvação.

A vida de sacrifício que Jesus viveu na Terra não pode ser tomada como exemplo a ser aclamado. Mais do que isso, Seu exemplo precisa ser imitado. Diante do esvaziamento divino, somos impulsionados a reagir e viver como Ele viveu. A maior luta de Cristo tem de ser a nossa luta: permanecer rendidos aos propósitos divinos. Aceitar os planos de Deus e jamais buscar a independência d'Ele. O abandono de Si mesmo, exemplificado por Jesus, deve ser o modelo para o abandono do nosso próprio eu.

Diante da humilde obediência vivida pelo nosso Salvador, devemos permitir despertar em nós um sentimento de entrega total e absoluta. É a realidade de uma vida dependente de Deus. Um ser humano que vê sua própria vontade ser dissolvida perante o divino Salvador. Como cristãos e ministros do Senhor, não podemos permanecer iludidos de que estamos crescendo espiritualmente, enquanto continuamos satisfazendo nossos impulsos naturais.

O que Deus requer de nós é a mesma atitude de Cristo quando trilhou o mesmo caminho pelo qual passamos agora. O Senhor requer uma entrega total e uma renúncia incondicional de nosso próprio eu. Enquanto permanecermos confiantes, nos braços divinos, vazios de nossa auto-suficiência egoísta, o Senhor cumprirá em nós e através de nós, o Seu plano salvador. □

Compromisso com a mensagem

ALEJANDRO BULLON

Secretário ministerial
da Divisão Sul-Americana



Divulgação

Alguma vez você já tentou descobrir a diferença que existe entre um discurso e um sermão? O objetivo do discurso é basicamente fazer uma exposição; enquanto a pregação tem como alvo final persuadir, ou seja, levar as pessoas a comprometer-se com a mensagem apresentada. Nesse sentido, a pregação é, de certo modo, como o trabalho da colportagem. Que valor teriam uma grande abordagem do cliente, uma excelente apresentação do produto e uma extraordinária conclusão se a venda não fosse concretizada? Se você já colportou alguma vez, sabe perfeitamente que o que realmente importa não é que o cliente concorde com os benefícios do livro, mas que ele o adquira.

Alguns diretores de Publicações, inclusive, preparam uma folha de papel contendo argumentos para refutar as objeções do cliente. O colporteur eficiente não aceita uma resposta negativa. A falta de dinheiro ou de tempo, o preço do livro, ou qualquer outra objeção não pode ser obstáculo que impeça a venda de um livro.

— A mesma coisa acontece na pregação.

Infelizmente, muitos pregadores parecem ignorar essa verdade inquestionável. Um sermão somente alcança o seu objetivo final quando compromete os ouvintes com a mensagem apresentada. Ele pode ter sido uma obra prima da homilética moderna, com um título atrativo, introdução interessante, mensagem causadora de impacto, conclusão ao ponto, tudo entremeadado de frases cativantes e ilustrações oportunas, mas, se ficar limitado a isso, o pregador simplesmente fracassou.

O apelo

Na verdade, todo o sermão é apenas o caminho percorrido pelo pregador, para chegar ao que realmente importa: a decisão das pessoas. O instrumento específico que ele utiliza para alcançar essa meta é o apelo.

Os mestres da pregação moderna, porém, estão divididos em dois grandes grupos. Martyn Lloyd Jones, por exemplo, defende a idéia de que fazer apelos é ir contra a soberania de Deus. Segundo ele, o pregador deve apresentar a mensagem e deixar que o Espírito Santo realize a Sua obra no coração do ouvinte.

Billy Graham, por sua vez, afirma: "O apelo é a parte que se segue ao sermão, no qual eu convido as pessoas a se levantarem e vir à frente. Esse ato representa um compromisso com Jesus. É preciso dar aos ouvintes uma opção clara de aceitar ou rejeitar o evangelho." (*Ultimato*, ano 19, nº 178, pág. 10).

Ao longo de minha vida, como pregador, aprendi que para alcançar o ser humano em sua totalidade não basta apresentar a verdade lógica, nem simplesmente tocar as emoções. É preciso ir um pouco mais longe, porque o homem, além de possuir intelecto e emoções, também possui um corpo. O apelo é o momento em que o pregador alcança o ouvinte na sua dimensão física, fazendo com ele levante a mão, acene com a cabeça, fique em pé, ou venha até a frente.

Nos escritos de Ellen White encontramos declarações contundentes, relacionadas com esse assunto: "Com a unção do

Espírito Santo, que lhe incuta responsabilidade pelas almas, [o pregador] não despedirá a congregação sem apresentar-lhe a Jesus Cristo, único refúgio do pecador, fazendo apelos veementes que cheguem ao coração dos ouvintes. Deve ele ter a consciência de que talvez nunca mais se encontre com esses ouvintes antes do grande dia de Deus." (*Evangelismo*, pág. 280).

"Ora, o ministro não deve meramente apresentar a Palavra de Deus de maneira tal que convença do pecado de forma geral, mas terá que exaltar a Cristo perante seus ouvintes. O que Cristo deles requer tem que ser esclarecido. As pessoas devem ser instadas a decidirem-se, precisamente agora, a colocar-se do lado do Senhor." (*Ibidem*, pág. 283).

"Abandonai toda aparência de apatia, e levai as pessoas a pensar que há vida ou morte nestes assuntos solenes, segundo os recebam ou rejeitem. Ao apresentar verdades decisivas, perguntai amiúde quem depois de ter escutado as palavras de Deus, que lhes aponta o dever, está disposto a consagrar a Cristo Jesus o coração e a mente com todos os seus afetos." (*Ibidem*, págs. 284 e 285).

"Existem em toda congregação almas hesitantes, quase persuadidas a se dedicarem inteiramente a Deus. A decisão está sendo feita para o presente e para a eternidade; mas muito amiúde acontece que o ministro não possui no próprio coração o espírito e o poder da mensagem da verdade, pelo que não faz apelos diretos às almas que tremem na balança. O resultado é que as impressões não se aprofundam no coração dos convictos, e saem da reunião sentindo-se menos inclinados a aceitar o serviço de Cristo, do que quando chegaram." (*Ibidem*, págs. 279 e 280).

Vencendo o medo

Há muitos anos, depois de ler algumas das citações apresentadas, pedi a Deus que me ajudasse a nunca ocupar o púlpito apenas para preencher o tempo. Por isso, quando me encontro sozinho, durante minhas

horas de estudo, peço ao Senhor que me ilumine no sentido de preparar justamente o tema que as pessoas estão necessitando ouvir. Mantenho-me em atitude de espera até que possa ter a consciência plena de que a mensagem que será apresentada é algo que poderá mudar vidas. Assim, desde o início da pregação, tento levar as pessoas a compreenderem a importância daquilo que estão ouvindo. Uso palavras simples, ilustrações que irradiam luz sobre a mensagem e, muitas vezes, frases de impacto.

Tento olhar cada rosto, e, para conseguir isso, movimento-me na plataforma. Também procuro encurtar a distância em relação aos ouvintes; não apenas a distância física, mas a psicológica, usando o pronome "você". Falo como se estivesse pregando para uma só pessoa, embora ali estejam milhares, às vezes. Tudo isso tem em vista preparar o caminho para o apelo, o momento de puxar a rede.

É preciso ter cuidado para colher o maior número possível de decisões. Por isso a dependência do Espírito Santo é indispensável, porque a resposta do público não será outra coisa senão o fruto do Seu trabalho nos corações. Isso não dispensa a participação humana que deve ser feita da melhor maneira. "Este é o seu grande momento"; "Você não pode adiar esta decisão"; "É agora que você está sentindo a voz do Espírito Santo"; "Abra o coração a Jesus enquanto pode ouvir o Seu convite"; são frases que mostram a necessidade e a urgência da decisão a ser tomada. E aí termina a parte do pregador. O que vem depois é obra exclusiva do Espírito Santo.

Quando era jovem, eu temia que ninguém se levantasse no momento do apelo. Aterrorizava-me a idéia de não saber o que fazer se ninguém respondesse ao apelo. Hoje penso diferente. Sei qual é a minha parte e peço a Deus que me ajude a desempenhá-la bem. Insisto. Espero. Coloco emoção nas palavras. Mas, apesar disso, já houve ocasiões em que ninguém se levantou. Fracassei? Não. O Espírito Santo fracassou? Também não. Apenas o ser humano exerceu a liberdade de aceitar ou rejeitar. Mas todos tiveram a oportunidade de decidir.

Sugestões

Se você quer ser usado por Deus, com poder, para levar pessoas à compreensão da verdade, conseguindo delas uma decisão em favor de Cristo, preste atenção aos seguintes conselhos:

Jamais termine um sermão sem fazer um apelo. Como já foi visto, existem muitas formas; mas o que realmente importa é que as

pessoas tenham uma oportunidade de dizer sim ou não à mensagem apresentada. Termine seu sermão com um convite em forma de pergunta: "Não gostaria você de entregar seu coração a Jesus agora?"; "Você quer dizer a Deus que dará lugar a que o Espírito Santo o torne completamente vitorioso?"; "Deseja dar o passo definitivo para o batismo?" Depois disto dê um tempo para as pessoas responderem. Às vezes, uma oração silenciosa de 15 segundos, feita com o coração, é a melhor resposta.

Mostre a necessidade e a urgência da decisão. "Esta é a mensagem que Deus me confiou para Sua igreja hoje. Mas ela estará incompleta se você não se comprometer. Não basta receber a informação; é preciso que a mensagem se torne experiência em sua vida. Portanto, não quero sair do púlpito sem lhe dar a oportunidade de tomar sua decisão. Quer você...?"

Seja claro e honesto na hora do apelo. O apelo deve ser feito de maneira corajosa e sem hesitações, mas também com muito amor e carinho. O que você quer das pessoas? Que elas tomem a decisão para o batismo? Então peça isso de forma clara e cordial. Já vi muitos apelos estranhos, como por exemplo, pedir que as visitas levantem as mãos, e depois convidá-las para ir à frente receber um presente, ou receber uma oração. E depois o pregador diz que elas tomaram a decisão para um futuro batismo. Isso não é honesto. Quando elas levantaram as mãos não o fizeram para demonstrar disposição de serem batizadas, mas porque eram visitantes e como tais foram convidadas a fazê-lo. Acontece que o pregador foi levando-as com "esperteza" para uma decisão que elas não queriam tomar e, efetivamente, não tomaram.

Não faça apelos constrangedores, como dirigir-se pessoalmente a alguém, num lugar onde todos podem identificar a pessoa. Coloque-se em seu lugar. Como você se sentiria? Às vezes, o único caminho que há é levantar-se e "aceitar", mas apenas pelo constrangimento causado pela situação. Algumas vezes tenho feito convites pessoais, mas em lugares onde havia milhares de pessoas, e a pessoa a quem me dirigia não seria identificada de forma alguma. E tem dado certo.

Leve seu auditório de decisões menores para maiores decisões. Jamais coloque as pessoas numa situação em que elas tenham que dizer não. Cada decisão negativa forma no coração de uma pessoa algo como uma parede de concreto que um dia ninguém poderá derrubar. Portanto, não peça decisões que o público não está preparado para tomar. Apesar do auditório ser formado por

pessoas inteligentes e cultas, às vezes elas são como bebês que precisam ir crescendo nas suas decisões espirituais.

As pessoas respondem aos apelos por etapas. Os mais sensíveis se levantam logo que o apelo é feito. Espere-os com paciência, falando de vez em quando palavras de ânimo e encorajamento enquanto eles vêm à frente. Um hino cantado será um instrumento valioso que o Espírito Santo usará nessa hora para impressionar os corações. Depois que as primeiras pessoas responderam, pode estar seguro de que há um segundo grupo pronto a se levantar mas não tem coragem de fazê-lo. Insista com esse grupo. Diga-lhe que se hoje não for tomada a decisão, amanhã, com certeza, será mais difícil. Mencione que Jesus pode fazer tudo em sua vida, menos decidir por ele. Cada um terá que levantar-se e ir à frente. Sem estender-se muito, mencione casos como o do paralítico no tanque de Betesda, ou a mulher com o fluxo de sangue, onde a decisão pessoal foi vital. Você poderá ver então o segundo grupo de pessoas. Primeiro um, depois outro e outro. Mesmo quando esse segundo grupo já tiver respondido e você tiver a impressão de que ninguém virá, acredite, ainda existem pessoas sofrendo em seu coração. Descreva para elas esta situação: "Suas mãos estão suando? Suas pernas parecem de chumbo? Quer se levantar e não está conseguindo? Ouça agora a voz de Jesus." Para esse terceiro grupo, costume dizer: "Será que esta noite poderia esperar pelo menos cinco ou dez ou 15 mais?" Essa frase faz com que a rede comece a fechar para as pessoas. Ela transmite um sentido de urgência. "É agora, tem que ser agora."

Certo dia, depois da pregação, aproximou-se de mim um homem que disse: "Pastor, há dez anos o senhor estava pregando e no fim fez um apelo para as pessoas entregarem o coração a Jesus e se unirem à Igreja de Deus na Terra. Muitas pessoas foram à frente. Eu as via, mas pessoalmente não queria nenhum compromisso. De repente, o senhor começou a descrever o que eu estava sentindo. Parecia que o meu coração era uma carta aberta. Tentei fugir de lá, mas o Espírito de Deus não permitiu que o fizesse e, finalmente, aceitei o convite. Hoje eu sou um ancião de igreja e queria agradecer-lhe por isso."

Quando um pregador recebe testemunhos como esse, chega à conclusão que a pregação precisa ser levada a sério. E que dentro dela o momento do apelo é a hora quando o Espírito Santo concretiza tudo o que aconteceu ao longo do sermão. Não gostaria você de suplicar a Deus que continue usando-o com poder? □

Como enfrentar a crítica

WILLIAM McCALL

*Pastor da igreja central de New Orleans,
Estados Unidos*

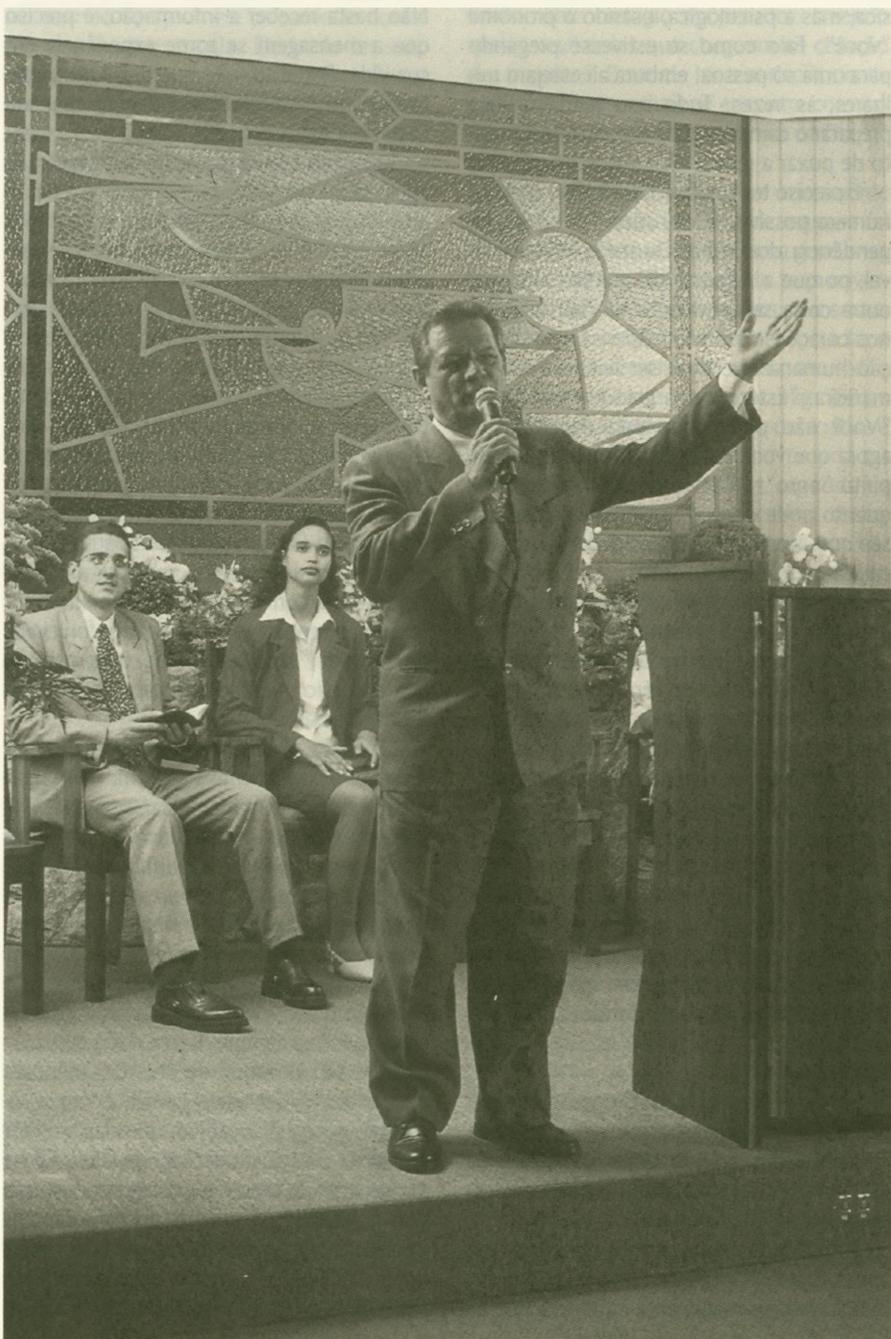


Divulgação

Marcos acabara de sair do seminário quando assumiu seu primeiro distrito pastoral. Cheio de entusiasmo e planos evangelísticos, trabalho pessoal e crescimento da igreja, logo encontrou-se submerso no que ele mesmo pensou ser uma barragem de crítica injusta.

Algumas pessoas queixavam-se dos seus sermões; outros, do seu estilo de liderança. Um ancião achava que ele empregava demasiado tempo em casa. Outros se queixavam de que Marcos não era suficientemente receptivo às suas necessidades. Não importava o que ele fizesse, sempre tinha alguém que ficava insatisfeito. Às vezes, o desencorajamento era tão esmagador que ele chegava a questionar seu futuro como pastor.

Ninguém, evidentemente, gosta de ser criticado. Mas nenhum pastor pode evitar isso. Imaginar o contrário é pura fantasia. Assim sendo, nós que estamos engajados no ministério evangélico, ou aqueles que tencionam fazer parte dele, deveríamos



perguntar-nos sobre qual a melhor maneira de responder ao criticismo. Se você entrega-se a um sentimento de autopiedade ou tem uma grande necessidade de afirmação por parte das pessoas, o ministério não é para você.

As pessoas raramente dão ao pastor apoio emocional, porque isso parece ser o desempenho impróprio de um papel reverso. Espera-se que o pastor seja uma fonte de força espiritual, nutrição e compaixão para com outros. Se o pastor, em contrapartida, busca reafirmação e apoio dos seus fiéis, para si mesmo, freqüentemente será uma ameaça para eles. Você, pastor, é a fonte de apoio para as necessidades emocionais do seu rebanho.

A causa mais comum de crítica ao pastor está enraizada na transferência, um fenômeno psicológico no qual o pastor é subconscientemente percebido como uma figura paterna. Isso significa que a reação das pessoas à autoridade ou aos problemas emocionais pendentes, trazidos da infância, será direcionada ao pastor. Indivíduos que se sentem negligenciados pelos pais, tendem a sentir a mesma coisa em relação ao pastor. Pessoas que sentem algum tipo de rejeição por parte de familiares ou amigos, verão rapidamente essa rejeição a elas, também no pastor. Aí a crítica será inevitável.

Ouvindo boatos

Devido à percepção de que o pastor é uma autoridade, as pessoas nem sempre empregam tempo e esforço para confrontá-lo diretamente. O que lhe chega aos ouvidos, em vez disso, é a crítica indireta. Nesse caso, o melhor é ignorar a crítica e deixar o tempo correr. Ouvir a crítica que vem através da fofoca pode dar uma dimensão exagerada a uma observação despreziosa ou um resmungo insignificante.

O povo algumas vezes fala do pastor como alguém poderia falar de um governante: como um símbolo, não um ser humano. Se o pastor dá ouvidos às queixas filtradas através de boatos, ele poderá ficar desanimado e perder a perspectiva. Depois de tudo, más notícias viajam mais rápido que as boas notícias. O boato raramente produz elogios. E as pessoas, algumas vezes em momentos de irritação, dizem coisas das quais podem se esquecer dez minutos depois. Nunca supervalorize os boatos.

Na verdade, algumas críticas podem ser abertamente hostis. Mais freqüentemente do que parece, isso representa simplesmente uma tentativa de influen-

ciar o pastor a satisfazer as necessidades do crítico. Muitas vezes essa é a maneira que certas pessoas encontram para solicitar ajuda.

É interessante observar que o problema da transferência pode agir por outra via. Expressivos líderes locais podem ser encarados pelo pastor como uma ameaça, especialmente se eles têm uma postura crítica. Outrossim o pastor pode considerar seus administradores com as mesmas expectativas emocionais irrealistas que o povo alimenta em relação a ele.

*Ouvir a crítica que vem
através da fofoca pode dar
uma dimensão exagerada
a uma observação
despreziosa ou um
resmungo insignificante.*

Saídas

Felizmente, há instrumentos cuja utilização pode ser eficaz no enfrentamento da crítica. Enumeramos alguns deles:

Cultive sua rede de apoio. A melhor maneira do pastor enfrentar a crítica é buscar apoio e conselho de outros ministros, amigos e colegas que não fazem parte da sua congregação. Aí está o ambiente mais apropriado para sentir-se humano. Livre do papel imposto pelas expectativas simbólicas e responsabilidades, o pastor pode conseguir apoio entre as pessoas mais aptas a compreender suas lutas.

Dê à crítica sua verdadeira dimensão. A crítica necessita ser processada, não engolida totalmente e crua. Compreenda que você provavelmente ouve a crítica mais ruidosamente que o louvor, e que a membresia satisfeita recebe a assistência, sente-se atendida, mas se esquece de expressar apreciação.

Seja sempre positivo. Não tente neutralizar o sofrimento causado pela crítica buscando afirmação positiva entre seus paroquianos; senão você será enfraquecido para enfrentar sentimentos mais dolorosos, se o apoio lhe for negado. Você po-

de, entretanto, dar demonstrações públicas de apoio e reconhecimento a outros. As pessoas são mais prontas a expressar apreciação se sentem que são apreciadas.

Mantenha o foco sobre sua identidade e missão. Deixe-se motivar pelo amor e assim busque alcançar as pessoas. Não acaricie as feridas ocasionadas por palavras. Algumas vezes, mesmo os amigos e protetores podem dizer palavras descuidadas. Não arrisque perder amigos por causa de uma crítica. Vá em frente. As pessoas que o criticam hoje, poderão elogiá-lo amanhã.

Permaneça calmo. Sob o estresse do trabalho, pressão e senso de alienação, é fácil exagerar a ameaça que a crítica pode trazer implícita. Aceite-a pelo que ela realmente é: um inevitável espinho no roseiral da vida. Ossos do ofício. Deixe a mente demorar-se sobre o positivo, alimentando-se de aspectos agradáveis do seu ministério, e não pelo que supostamente há de negativo.

Não se torne seu perseguidor. Por que definir-se a si mesmo de acordo com as mais negativas impressões dos outros? Toda pessoa pode cometer enganos. A vida é um processo de aprendizado, e o ministério é um trabalho que não tem fim. É verdadeira a crítica? O melhor que você pode fazer é corrigir a situação que a originou. Como esperar que os outros esqueçam seus erros se você mesmo não o faz?

Seja humilde. Ninguém pode trabalhar em um tal nível, ou manipular a opinião pública de tal maneira, que evite a crítica. Todas as pessoas precisam aprender a conviver com ela. O perfeccionismo é uma futilidade tão grande que os pastores não podem querer consegui-lo.

Não retalie. Isso é essencial. Não responda à crítica com crítica, nem fofoque sobre seus opositores. Tudo o que você conseguirá é ofender. Procure estar em paz consigo mesmo e coloque um ponto final no conflito, tomando a iniciativa de deixá-lo de lado, avançando em seu trabalho.

Finalmente, espere a crítica. Ela virá. É uma parte inevitável do trabalho. Mas com um pouco de calma neutralidade, nós podemos colocá-la em sua verdadeira perspectiva e, na realidade, usá-la como um instrumento para nosso crescimento.

Desafortunadamente, essa foi a lição que Marcos jamais aprendeu. Ele retaliava, enervava-se, e tomava toda crítica como algo pessoal. Em dois anos, amargurado, desanimado e hostil à sua igreja, ele deixou o ministério.

Mas não tem que ser assim. □

**Somente
para filhos
de obreiros**

PARTICIPE DESTA CONCURSO E GANHE UMA VIAGEM A TORONTO

NATUREZA DO CONCURSO

*Trabalhos (artigos, quadros, bandeiras, cassetes, bordados) realizados sobre o seguinte tema:
"O caminho da cruz leva ao lar"*

REGULAMENTOS DO CONCURSO

Somente podem participar filhos de obreiros nascidos depois de 1983, cujos pais sejam servidores de tempo integral. Podem ser pastores, capelães, departamentais, instrutores bíblicos, administradores ou professores de Bíblia.

Todos os trabalhos devem focalizar o tema "O caminho da cruz leva ao lar"

O prazo para entrega dos trabalhos é 1º de abril de 1999. Não serão considerados trabalhos entregues fora dessa data. Devem ser enviados para o seguinte endereço: PK Contest, GC Ministerial Association, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904, USA.

Para propósitos de julgamento, o nome do participante não deve aparecer no trabalho. Em lugar disso, deve ser anexada uma folha de papel contendo nome, data de nascimento, endereço, nome dos pais, Divisão e União às quais pertencem, e número de telefone.

Os concorrentes devem criar o trabalho sem auxílio de nenhuma outra pessoa, enviando o original, não a cópia.

Todos os trabalhos devem ser remetidos cuidadosamente. Trabalhos rasurados ou danificados não serão aceitos.

Os trabalhos passam a ser propriedade da Associação Geral e serão exibidos em Toronto, Canadá, por ocasião do Concílio Ministerial Mundial. Nenhum trabalho será devolvido.

Será permitida a apresentação de apenas um trabalho por categoria.

CATEGORIAS DOS TRABALHOS

✓ ARTE

Um quadro original, pintado pelo concorrente
Tamanho mínimo de 20 x 27 cm, e máximo de 28 x 41 cm.
Deixar espaço para colocação do título da revista Ministry.

✓ CARTUM

Os cartuns devem ser uma linha única ou uma série de não mais que quatro linhas relacionadas que contem uma história. Pintar num cartão de 10 x 13 cm.

Montar cada conto em um cartão de papel com 26,6 x 28 cm.

✓ BANDEIRAS E FLÂMULAS

Devem representar o tema por escrita ou imagem.
A imagem deve ser feita manualmente, num tecido.
Use pintura, agulha, tecido, tintas ou materiais semelhantes.
O tamanho mínimo deve ser de um metro de comprimento e de largura; e máximo de três metros, incluindo a margem.

✓ DECLAMAÇÃO/MEMORIZAÇÃO

Escolha uma passagem: Isaías 52:9-53:12; Lucas 23:33-24:9; Romanos 5:1-21.

Use qualquer versão conhecida das Escrituras no idioma de sua escolha.

Recite a passagem de cor. Seu trabalho será julgado pela memorização da passagem e sua habilidade para captar a atenção dos ouvintes.

Grave em fita cassete.

✓ ARTIGO

Os artigos devem responder a uma ou duas destas questões: Como o fato de que Jesus deixou o Céu, tornou-Se humano, e morreu como um criminoso faz a diferença em sua vida? Como isso afeta seus pensamentos, ações e alvos? O que o sacrifício de Cristo lhe fala a respeito de Deus: Ele é, ou parece que é? Como a vida e a morte de Cristo ajudam você a compreender o pecado? Como tudo isso ajuda você a se relacionar com outras pessoas, especialmente aquelas que discordam de você? Como a vida e a morte de Cristo lhe dão esperança, aqui, e lhe guiam para o lar?

Não use muitas citações de qualquer fonte. Use uma ou mais histórias pessoais para ilustrar suas idéias.

Escreva entre 750 e mil palavras.

Digite ou faça um manuscrito com espaço duplo.

Use o título seguinte: "O caminho da cruz leva ao lar: o que isso significa para mim?"

Você pode discutir suas idéias com seus amigos, familiares, professores, ou pastores. Eles podem dar sugestões, corrigir a gramática, ou a ortografia, mas não podem escrever, revisar, nem reescrever.

Conte a sua história; não a de outra pessoa.

✓ TRABALHO DE COSTURA

Exceto pelas idéias, o trabalho deve ser seu, originalmente. Poderão concorrer: trabalhos de crochê, bordados em tecidos, em lã, almofadas, tricô, aplique e renda.

O tamanho mínimo é de 10 x 10 cm; e o máximo, 61 x 122 cm.

O material deve ser típico do seu país.

Esse trabalho será julgado pela originalidade, uso de materiais, nitidez, e quão bem ele capta o tema.

Jubilação com júbilo

JAMES A. CRESS

*Secretário ministerial da
Associação Geral da IASD*



David J. Gable

Ao longo dos anos, eu tenho tido o privilégio de observar alguns pastores que se aposentam cheios de graça, e outros que encaram essa transição como uma desgraça.

Alguns ministros animadamente se aproximam da jubilação com planos bem elaborados, enquanto outros vêm a aposentadoria como o curso que os remove do mundo real.

O que faz a diferença? Parece que tanto atitude como aptidão são ingredientes vitais para se chegar à jubilação com sentimento de quem recebe uma bênção. A atitude apropriada não vê a vida como terminada quando chega a jubilação; e a aptidão correta fornece o preparo para novos desafios e oportunidades.

Recentemente tive o privilégio de falar sobre como fazer um preparo para a jubilação, a um grupo de pastores aposentados na Associação Sudeste da Califórnia, nos Estados Unidos. Enquanto aqueles jubilados honestamente abriam as suas almas e partilhavam sua sabedoria, tornou-se claro que assim como os desafios surgem com o avanço da idade, as bênçãos

também são abundantes, especialmente para aqueles que esperam recebê-las.

Os benefícios

Entre as experiências mais benéficas, aqueles pastores jubilados priorizaram sua apreciação pelo tempo agora disponível para perseguir a realização de algum sonho longamente acariciado: escrever livros e artigos, por exemplo, ou a sua própria história, aprender informática, ouvir rádio, ou pescar. Outros notaram sua alegria por não estarem presos aos rigores de um programa super-estressante, ou sua liberdade para aceitar ou recusar algum convite sem o sentimento de culpa. Eles percebem que sua flexibilidade e escolhas foram alargadas, não restringidas.

Esse grupo de aposentados se mostra jubiloso pelas oportunidades surgidas para ajudar outros, de muitas maneiras que o ministério de tempo integral impedia, tais como longas visitas aos amigos e novos membros, conversação descontraída, e menos pressão para mudar rapidamente para o próximo item da comissão. Muitos citaram sua crescente alegria no companheirismo com as respectivas esposas, redescoberta do prazer no casamento, e até melhor relacionamento sexual.

Maior intimidade com filhos e netos também foi vista pelos jubilados como uma vantagem a mais, além do tempo e mais oportunidades para desfrutar de algum *hobby* predileto como praticar esportes, jardinagem, brincadeiras e encontros sociais. Também mencionaram a oportunidade de viajar, bem como a liberdade de escolher permanecer em casa quando se sentem cansados.

Educação Contínua em uma variedade de áreas – espiritual, intelectual, manual e emocional – não foi omitida nas observações dos benefícios que os pastores ex-

perimentavam com a jubilação. Os participantes do grupo verdadeiramente vieram-se como eternos aprendizes, com mais tempo para perseguir sua paixão por crescimento pessoal. Por exemplo, um pastor afirmou que a aposentadoria possibilitou-lhe tempo para estudar mais profundamente assuntos teológicos; outro descreveu sua diversão no aprendizado da informática. Uma esposa de pastor disse alegrar-se lendo em voz alta com seu esposo, outra expressou seu deleite em fazer cursos sobre educação artística. Outra esposa ainda descreveu como aprendera manutenção de automóveis, freqüentando aulas sobre o assunto numa escola da comunidade.

Em vez de vestir o pijama e sentar-se na cadeira de balanço sem nada para fazer, os jubilados perceberam seu ânimo para envolver-se em iniciativas missionárias, desenvolvendo um novo e mais profundo relacionamento com amigos, e crescimento na apreciação das bênçãos divinas em sua vida.

Os desafios

Nada disso significa que esses pastores aposentados vêm o mundo apenas através de óculos cor-de-rosa, sem notar os reais desafios que qualquer indivíduo idoso enfrenta. Entre os desafios, estão a diminuição da agilidade, os potenciais problemas de saúde, perda de entes queridos, e a certeza de que têm poucos anos para viver. Eles se demonstraram realistas sobre a necessidade de coroar da melhor forma possível a principal transição da vida. Entretanto, sem exceção, a bem-aventurada esperança do retorno de Jesus foi vista como o bálsamo que poderia suavizar qualquer sofrimento e ajudá-los a enfrentar qualquer incerteza.

O preparo

Quando interrogado sobre os ingredientes de uma preparação adequada para a jubilação, o grupo sugeriu a consideração de algumas áreas cruciais, bem como fez recomendações específicas.

Saúde. Coloque mais ênfase na prevenção do que no remédio. Tome as necessárias providências, antes da aposentadoria, para que tenha um estilo de vida saudável. O exercício físico foi apontado como a melhor prática preventiva disponível.

Providencie um plano de saúde confiável e mantenha atualizadas as respectivas prescrições. Embora a realidade sugira que os pro-

blemas físicos crescerem com a idade, evite dar uma dimensão exagerada a todos os seus problemas médicos. Em lugar disso, enfatize o fato de que a alternativa do amadurecimento etário é melhor que suas doenças.

Finanças. Faça todo o possível para aposentar-se com uma caderneta de poupança. Limite o uso de cartões de crédito. Mantenha-se informado sobre os planos de aposentadoria governamental e denominacional. Seja firme em manter economias antes da jubilação. Confira a exatidão da sua folha de serviços denominacionais, bem antes do cálculo final dos anos de trabalho e benefícios da aposentadoria.

Se sua energia e interesse permitem, desenvolva uma ocupação produtora de renda durante os primeiros anos da jubilação. Tenha amigos aposentados que trabalhem como agentes de viagem, gerentes de restaurante, corretores, fornecedores, capelães, editores, guias, e secretários de igrejas. Cheguei a ver um grupo de obreiros aposentados operando o escritório de uma grande congregação, como telefonistas, carteiros, fotocopiadores, preparo de boletins, etc.

Família. Alegre-se no relacionamento com sua família, tomando tempo extra para o lazer com seus filhos crescidos também. Muitos obreiros aposentados demonstraram sua alegria em poder empregar mais tempo com seus filhos e netos, mas realisticamente advertiram contra o perigo de quererem estar sempre mudando para poder estar com os filhos. Isso poderia requerer repetidas mudanças. De fato, muitos jubilados sabiamente sugerem que não haja mudanças de residência e circunstâncias, no primeiro ano, tão logo começa o período da jubilação.

Um inteligente administrador aposentado expôs o engano que cometeu ao preferir esperar a aposentadoria para poder adquirir a sua casa própria. Posteriormente, ele e sua esposa descobriram ter sido esse um investimento muito acima das suas necessidades e tiveram que gastar muito tempo, energia e dinheiro na sua manutenção. Agora eles reduziram drasticamente o tamanho e colhem os benefícios de menores responsabilidades e conservação.

Algumas esposas expressaram satisfação em poder terem a ajuda dos respectivos esposos nas tarefas de casa – cozinhar, lavar pratos, cultivar o jardim, dar recados, fazer compras – enquanto outras perceberam que seus maridos ficaram tão envolvidos que passaram a desejar que eles saíssem de casa pelo menos um dia por semana.

Afaste os excessos de itens de sua agenda antes de perder suficiente energia no cumprimento de suas tarefas, e construa uma herança de boas recordações para os seus filhos e netos agora; e não depois da sua morte. Intencionalmente focalize mais no relacionamento familiar do que no tempo integralmente empregado no trabalho. Permita a seus filhos terem em você e na sua esposa os pais que Deus lhes tem dado, amorosos, compassivos, amigos e sempre presentes.

Emocional. Prepare-se antecipadamente para os desafios da mudança e busque outros interesses, fora do seu trabalho. Esteja disposto a abandonar a ribalta da liderança e encare a realidade que ela foi passada a uma outra geração. Pare de dirigir o automóvel quando os filhos começam a sugerir que já chegou o tempo de deixá-los tomar a direção.

Desenvolva uma lista de planos para não ter somente que reagir às emergências. Aprenda novamente a brincar e a gostar verdadeiramente de música, viagens, fazer amizades, e pequenos trabalhos. Determine que será ou se tornará um interessado em todas as coisas.

Relacionamento com a igreja. Conhecedores do desafio que representa um líder subitamente se encontrar no papel de liderado, os pastores aposentados advertiram: "Deixe o pastor pastorear e o administrador administrar", sem influências paralelas, sem dividir a lealdade da congregação.

Renuncie o controle de sua liderança e ofereça apoio cooperativo ao pastor e a todos os projetos que ele tem para a vida da igreja. Encoraje e afirme os obreiros jovens, reconhecendo que eles querê-lo, às vezes, fazer diferente do que você pensa. Em vez de procurar encontrar faltas, regozije-se no sucesso do seu substituto e abstenha-se de dar conselhos sem que tenha sido solicitado. Lembre-se, um conselho vale cada centavo que custa.

Aceite tarefas interinas que sua Associação possa requerer, mas evite tomar o púlpito onde você já foi pastor, ou tornar-se um conduto de informação para os membros que estão acostumados à sua assistência pastoral. Um administrador disse que pastores aposentados, como os mortos, não devem retornar. Uma denominação exige que seus pastores mudem-se pelo menos 200 quilômetros distantes do seu último local de trabalho, antes de receberem o último salário ou o primeiro pagamento da aposentadoria.

Planejamento. Prepare-se para o fim da vida. Isso inclui fazer um testamento

(você não morrerá um dia mais cedo só porque fez isso), planos documentados a respeito de doações, poderes financeiros de procuradores, planos de funeral, explicações claras para a sua família sobre a disposição de suas propriedades e recursos.

No caso de perda do parceiro, a maior recomendação do grupo foi no sentido de evitar grandes mudanças e não entrar em relacionamentos importantes pelo menos durante oito meses a dois anos depois da morte do companheiro. Isso provê a oportunidade de processar a mágoa e evitar os laços de decisões precipitadas e imprudentes.

Adie a escolha de itens pessoais ou domésticos até bem depois do funeral e dê tempo para a sua dor, justamente como você aconselhava freqüentemente aos membros de suas igrejas. Junte-se a um grupo de recuperação emocional e experimente o processo específico que sua liderança pastoral recomendaria a qualquer pessoa que sofresse alguma perda. Não assuma que, por causa de sua compreensão sobre como ajudar a outras pessoas abatidas, você não necessita experimentar esse ministério em sua própria vida em tempos de reveses.

Envolva seus filhos nos planos que afetam a mudança ou potencial novo casamento depois da viuvez. Evite enredos românticos que se tornam mera anestesia para sua dor, em vez de um relacionamento real, vital. Verifique se você e qualquer parceiro em potencial partilha ideais, valores, costumes e prioridades comuns. Considere cuidadosamente o conselho de sua família, seus colegas, e amigos de longa data, antes de avançar num relacionamento do qual poderá se arrepender.

Espiritual. Exercite a espiritualidade com o senso perspicaz de que a negligência na disciplina espiritual poderá levar a um enfraquecimento crescente. Aposentadoria não significa ter alcançado a santificação, mas que você continua a jornada na Obra de Deus em sua existência.

Acima de tudo, não permita que raízes de amargura causem danos em seu relacionamento com o Senhor e Sua Igreja. É muito fácil acampar ao redor de desapontamentos, falhas ou descortesias (reais ou imaginárias) causados por outros e esquecer d'Aquele no qual temos crido.

Procure chegar ao final da vida com um sentimento de gratidão pelas bênçãos de Deus e reconheça que sua jubilação é tanto uma recompensa pelo fiel serviço como uma prenúncio da grande recompensa que Jesus está preparando para Seus servos bons e fiéis. □

Demônios no Velho Testamento

ANGEL MANUEL RODRIGUEZ

Diretor associado do Instituto Bíblico de Pesquisas da Associação Geral da IASD



Muito tem sido escrito sobre demonologia no contexto do Novo Testamento, onde a presença de demônios é claramente ensinada. O testemunho do Velho Testamento, entretanto, não é explícito. Contudo, o assunto é tratado no Velho Testamento, e revela bastante ajuda à compreensão dos pastores sobre a natureza de como eles devem agir se, por acaso, encontrarem-se confrontados com um genuíno caso de possessão demoníaca.

Para começar, embora a palavra "demônio" esteja etimologicamente relacionada com o termo grego *daimônion*, não significam a mesma coisa. O termo grego designava uma deidade, especificamente boa ou deidades menos perversas.¹ *Demônio*, ao contrário, comumente designa uma entidade sobrenatural, um poder autônomo abertamente antagonista a Deus e Seu povo.

Termos hebraicos

O termo hebraico *shedim* (Deut. 32:17; Sal. 106:37) usualmente é traduzido como "demônios". A Septuaginta traduz como *daimonios*. A tradução moderna é baseada no cognato acádio *shedu*, que designa tanto espíritos maus como bons.² As palavras bíblicas descrevem os deuses pagãos como entidades sobrenaturais inferiores porque eles requerem sacrifícios humanos.

Outro termo hebraico para demônios é *seirim*, derivado de uma raiz que significa "ser cabeludo". O substantivo significa "alguém cabeludo", mas poderia também designar um "bode (cabeludo)" e um "demônio".³ Alguns têm interpretado essa expressão como significando um demônio parecendo um bode (uma sátira) mesmo que a tentativa de definir a aparência do demônio pela etimologia não funcione. No antigo Oriente Próximo, deidades e demônios eram representados sob o símbolo de animais que ilustravam tais seres espirituais. Bodes usualmente habitavam o deserto, e os demônios, tanto na Bíblia como no antigo Oriente Próximo, estavam associados com o deserto como símbolo de infertilidade.⁴

Pessoas do antigo Oriente Próximo acreditavam que os demônios moravam nas regiões inferiores da Terra, na região dos mortos. No Egito há referências a "demônios sanguinários",⁵ uma possível referência a *seirim*, para quem os sacrifícios sangrentos eram oferecidos. O reino da morte também era o reino demoníaco, o que provavelmente explica a razão de o Velho Testamento condenar a comunicação com os mortos (Deut. 18:10 e 11), atividade considerada uma tentativa de contato impuro e demoníaco. O livro da Sabedoria estabelece implicitamente que os mortos não sabem qualquer coisa a respeito do reino dos vivos e portanto eles não têm conhecimento de segredos para partilhar (Jó 14:21; Ecles. 9:4-6 e 10). É interessante que os espíritos consultados pelos necromantes sejam chamados *elohim* (deuses, seres divinos; I Sam. 28:13; Isa. 8:19), mas eles podem ser reconhecidos como poderes demoníacos por causa de sua associação com os mortos. Esses espíritos possuem um médium e aparentemente falam através dele (Lev. 20:27).

Geralmente é reconhecido que o substantivo *'azazel*, usado em Levítico 16:8, 10 e 26, designa um demônio. Isso refere-se a um ser pessoal, em virtude de seu paralelismo com o nome do Senhor (Lev. 16:8). A importância dessa figura e o ritual associado com ela são significativos na demonologia do Velho Testamento, e muitos eruditos datam o ritual para uma fase inicial da história israelita.

A palavra *lilit*, usada somente em Isaías

34:14, é comumente compreendida como referindo-se a demônio (*daimónion*, na Septuaginta).⁶ O substantivo parece pertencer ao grupo de palavras para "noite, trevas" (*layla*, no hebraico). Mas os acádios usam a mesma raiz para o nome de um demônio (*lilitu*), um demônio do gênero feminino ligado de alguma forma com relacionamentos sexuais.⁷ Muitas traduções inglesas vertem-no como "criatura da noite", sugerindo que a referência a um demônio é incerta. No contexto, é feita menção a muitos outros animais, alguns dos quais têm sido considerados demônios. Aqui, novamente o termo *seirim* é traduzido "demônio" (Lev. 17:7), mas em virtude de que ele poderia designar um bode, o significado é incerto (Isa. 13:24).

Algumas vezes os escritores bíblicos personificam "praga" (*reshep*) e "pestilência" (*deber*), descrevendo-as como acompanhando o Senhor como Seus instrumentos de juízo (Hab. 3:5; Deut. 32:24). *Reshep* era o nome de um deus semítico ocidental, considerado tanto perigoso como benevolente, que estava encarregado de guerras e doenças.⁸ Devido a que *deber* na literatura do antigo Oriente Próximo não se refere a uma deidade ou a um demônio, poderia ser argumentado que na Bíblia os dois termos são usados somente como personificações de poderes destrutivos. Entretanto, no antigo Oriente Próximo, os demônios infligiam doenças nas pessoas e causavam grande sofrimento,⁹ um conceito talvez implícito em Salmo 91:5 e 6.¹⁰ O livro dos Salmos estabelece que aqueles que temem ao Senhor serão protegidos dos poderes maus ("a flecha que voa de dia", "a peste que se propaga nas trevas", "a mortandade que assola ao meio-dia"). É possível que esses poderes estejam representados no verso 13 pelos símbolos de um leão e uma serpente.

O Velho Testamento contém algumas narrativas nas quais seres espirituais são descritos como efetuando uma função negativa a serviço de Deus. O primeiro caso a ser mencionado trata de um "espírito de aversão" (*rūah ra'ā*) enviado por Deus para criar antagonismo "entre Abimeleque e os cidadãos de Siquém" (Juizes 9:23; a Septuaginta lê *pneuma ponerón*; cf. Mar. 1:23; 7:25; Atos 5:16). Estavam sob o controle de Deus e Seu instrumento de juízo. Alguém poderia argumentar que esse "espírito" não é personificado, mas trata-se de uma condição emocional ou psicológica que rompe a interação social. Mas a fra-

se "espírito de aversão [mau]" (no acádio, *sharu lemu*) era empregada para referir-se aos poderes demoníacos que produziam todos os tipos de doenças.¹¹

Depois que o Espírito do Senhor retirou-Se de Saul, ele foi atormentado por um espírito maligno da parte do Senhor (I Sam. 16:14). A música o aliviava temporariamente (16:23). Sob a forte influência desse espírito, Saul tentou matar Davi (I Sam. 18:10-12; 19:9); todavia, o espírito estava sob o controle de Deus, não sendo um poder totalmente independente.

Micaías teve uma visão na qual viu o Conselho Celeste em sessão discutindo a sorte final do Rei Acabe (I Reis 22:19-23; II Crôn. 18:10-23). Durante a discussão 'um espírito' ofereceu seus serviços para

O uso mais significativo do termo *Satanás* ocorre no livro de Jó, onde ele é descrito como o maior inimigo de Deus.

seduzir Acabe, sendo "o espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas [de Baal]. O Senhor lhe disse: Tu o enganarás, e ainda prevalecerás; sai e faze-o assim." (v. 22). É difícil decidir se esse é um espírito benevolente agindo de um modo malévolo, como foi o caso de alguns seres espirituais no antigo Oriente Próximo, ou um essencialmente espírito mau que o Senhor usou para cumprir Seu propósito. Se era um membro do Conselho Celestial, é mais lógico apoiar a primeira opção; entretanto, uma comparação com o incidente de Jó leva a uma conclusão diferente.

Arquiinimigo

Argumenta-se usualmente que Satã, como o arquiinimigo de Deus, é desconhecido no Velho Testamento.¹² O substantivo *Satanás* significa "adversário", "oponente" e é usado por seres humanos e celestiais. O primeiro ser celestial chamado *Satanás* foi um anjo do Senhor (Núm. 22:22 e 32), quase uma figura de-

moniaca. Portanto o nome não pode ser usado para determinar a natureza de seres celestiais. A primeira vez que esse termo é usado como o nome próprio é em I Crônicas 21:1, para descrever um ser que incitou Davi a fazer um censo. Em II Sam. 24:1 essa mesma função é atribuída a Deus. Isso é incompreensível porque, como temos visto, poderes do mal são usados por Deus para cumprir Seus propósitos. Quando esses poderes tornam-se uma ameaça para Seu povo, Ele o protege e limita as atividades inimigas.

Em Zacarias 3:1 e 2, *Satanás* é o acusador dos servos de Deus. O Anjo do Senhor, o Senhor e *Satanás* estão juntos. O que está em jogo é o direito de Deus perdoar Seu povo. O poder do mal não pode tolerar a graça perdoadora de Deus e busca impedir os pecadores de se alegrarem na sua amizade com Deus.

Mas possivelmente o uso mais significativo do substantivo *Satanás* é lembrado no livro de Jó, onde ele é descrito como o maior inimigo de Deus (Jó 1:7; 2:2). Tal como o espírito mentiroso da visão de Micaías, ele é um membro do concílio e está sob o controle do Senhor, incapaz de agir em total independência dele. Certamente é o acusador de Jó diante da assembléia celestial e o instigador de doenças e tragédia. No diálogo com Deus, *satanás* na realidade está atacando o sistema de governo de Deus.¹³ Ele argumenta que Deus "compra" o serviço humano, e nutre egoísmo ao abençoar e proteger os Seus filhos. A maneira de Deus reger o Universo não é controlada pelo amor desinteressado, ele argumenta, mas pelo princípio "toma lá, dá cá".

Isso é inquestionavelmente um ataque sobre o papel do amor e da graça de Deus. Aqui, a verdadeira natureza demoníaca, no Velho Testamento, é revelada. Esse ser é conhecido como *Satanás*.

Embora o Velho Testamento não diga muito sobre essa figura, apresenta o suficiente para entendermos que se trata de um inimigo de Deus, não Seu parceiro. Opiniões sobre sua origem são relatadas em Isaías 14:12-19 e Ezequiel 28:11-19 quando, na descrição da ascensão e queda dos reis de Babilônia e de Tiro, os profetas usaram as imagens da primitiva batalha de Deus com os seres demoníacos. Aquele querubim, que era muito íntimo de Deus, tentou em um ato de rebelião ser igual a Deus, e foi expulso da Sua presença.¹⁴ Aparentemente, ele continuou tendo limitado

acesso ao Céu.¹⁵ Traços distorcidos do primeiro conflito têm sido preservados na mitologia do antigo Oriente Próximo, que descreve uma batalha cósmica entre os deuses.

Então, há a narrativa a respeito da serpente e a mulher (Gên. 3). A serpente é descrita como o "mais sagaz de todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito" (Gên. 3:1). O texto implica que era uma das criaturas de Deus. Enquanto a narrativa progride, torna-se óbvio que por trás dela existe um poder antagonico, alguém que guerreia contra Deus. Contradiz os enunciados de Deus, atribui a Deus maus intentos, e induz a mulher à rebelião. Em virtude de que as serpentes "são comumente associadas com deidades setetas, demônios, magia e encantamentos, no Oriente Próximo",¹⁶ é muito claro que, sob o símbolo da serpente, Gênesis 3 descreve um poder demoníaco.¹⁷ Esse ser maligno não pertence ao reino animal; pode falar e raciocinar. Nesse sentido, está bem próximo do nível humano. Todavia é mais que humano, pois alega ter um conhecimento não disponível aos humanos, e é aqui que o elemento demoníaco se revela.

Esse arquiinimigo de Deus é conhecido no culto hebreu como Azazel. Quando o ritual do bode emissário é colocado no contexto do antigo Oriente Próximo, torna-se claro que se trata de um rito de eliminação no qual pecado e impureza retornam à sua fonte e origem.¹⁸ O ritual ensina que Israel acreditava haver um ser demoníaco diretamente responsável por qualquer coisa que rompe um relacionamento apropriado com Deus. É verdade que Deus assumiu a responsabilidade pela pecaminosidade do transgressor arrependido, mas Ele não é o originador do pecado. Durante o Dia da Expição, o verdadeiro réu era identificado: o ser demoníaco Azazel. Aqui, novamente, o Senhor revela-Se como o único que tem poder para destruir as obras e para superar a autoridade dos poderes maus (I João 3:8).

Implicações

O Velho Testamento testifica da existência de um ser demoníaco em conflito com Deus e Seu povo. Esse arquiinimigo de Deus está presente em narrativas, cânticos e discursos proféticos.

Ao lado disso, a evidência bíblica sugere que esse poder maligno resultou da corrupção de um ser celestial. Embora fosse criado perfeito, de uma forma misteriosa o pecado foi encontrado nele. O uso do plu-

ral em algumas passagens que se referem aos poderes malignos, sugere que mais que um ser celestial foi corrompido e entrou em conflito com Deus. Tais seres estão associados com idolatria e identificados com deuses pagãos, implicando que por trás do poder desses deuses estão as forças demoníacas.

Os pastores que se defrontam com manifestações demoníacas devem lembrar, primeiramente, que esses poderes não podem agir em completa independência de Deus. Ele pode usá-los. Mas Ele também é capaz de restringir esses poderes, protegendo o Seu povo e libertando-o da sua opressão. Aqueles que têm sido vítimas do poder do mal devem ser conduzidos ao refúgio que pode ser encontrado no Senhor

*Os pastores deveriam
realçar que Deus
deseja que pensemos
mais sobre Seu poder
e soberania do que
sobre as forças
destrutivas do mal.*

e em Sua comunhão. Em segundo lugar, com pouquíssimas evidências de exorcismo no Velho Testamento, alguém pode concluir que um ministério ligado ao exorcismo carece de fundamento bíblico. Em terceiro lugar, nos lugares onde costumemente são levadas oferendas ao espíritos dos mortos, o pastor deve apontar nosso Criador e Redentor como o único poder espiritual ao qual devemos nos submeter. Qualquer outra força espiritual que reivindique nossa fidelidade ou nosso serviço é de origem demoníaca.

Finalmente, enquanto ministram ao banho, os pastores deveriam realçar que Deus deseja que pensemos mais sobre Seu poder e soberania do que sobre as forças destrutivas do mal. Essa até pode ser a mensagem subliminar comunicada pelo Velho Testamento, ao dar pouca ênfase à demonologia. Há muita segurança para nós em nosso relacionamento com o Senhor, e, em virtude disso, mesmo quando o mal tenta nos atingir, podemos

contar com a proteção do toque de Deus.

Os crentes estão sob o constante cuidado do Senhor, mesmo que andem "pe-lo vale da sombra da morte" (Sal. 23:4). A respeito do nosso Salvador é dito: "A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo." (Mat. 4:1). Seu encontro com o inimigo foi planejado e controlado pelo Senhor. Na verdade, talvez a mais clara mensagem do Velho Testamento nesse contexto seja que nós não somos fantoches cósmicos que podem ser manipulados por um assaltante demoníaco, mas filhos de um Deus amoroso que, no tempo oportuno, extinguirá as forças malignas do Universo. □

Referências:

1. Werner Foerster, "Daimon", *Theological Dictionary of the NT*, vol 2, Gerhard Kittel, ed., Grand Rapids, MI, Eerdmans 1964, págs. 2 e 3.
2. Wolfram von Soden, *The Ancient Orient*, Grand Rapids, MI, Eerdmans, 1994, pág. 199.
3. Ludwig Koehler, Walter Baumgartner e Johann J. Stamm, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, Leiden: Brill, 1995, 3:1341.
4. S. Talmon, "Midbar", *Theological Dictionary of the Old Testament*, Grand Rapids, MI, Eerdmans, 1997, 8:114 e 115.
5. B. Kedar-Kopfstein, "Dam", *Theological Dictionary of the Old Testament*, 2:238.
6. Koehler, Baumgartner e Stamm, *Op. Cit.*, pág. 529.
7. M. Hutter, "Lilith", *Dictionary of Deities*, Leiden: cols. 937-976.
8. P. Xella, "Reshep", in *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*, Leiden: Brill, 1995, cols. 1324-1326.
9. Jeremy Black and Anthony Green, *God, Demons, and Symbols of Ancient Mesopotamia: An Illustrated Dictionary*, Austin, Texas: 1992, pág. 67.
10. Marvin E. Tate, *Psalms 51-100*, Dallas: Word, 1990, pág. 455.
11. R. C. Thompson, *The Devils and Evil Spirits of Babylonia*, vol. 1, London: Luzac, 1901, págs. 46 e 47.
12. Peggy L. Day, *An Adversary in Heaven: Satan in the Hebrew Bible*, Atlanta: Scholars, 1988, págs. 5 e 6.
13. David J. Clines, *Job 1-20*, Dallas, Texas: Word, 1989, págs. 18-27.
14. Gregory A. Boyd, *God at War: The Bible and Spiritual Conflict*, Downers Grove, Illinois, 1997, págs. 157-162.
15. Angel Rodriguez, "Bible Questions Answered: Cosmic Conflict", *Adventist Review*, 08/05/1997, pág. 28.
16. R. S. Handell, "Serpent", *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*, col. 1405.
17. Gregory Boyd, *Op. Cit.*, págs. 154-157.
18. John E. Hartley, *Leviticus*, Dallas, Texas: Word, 1992, pág. 238.

Sem deixar saudades



AFC

“**E**ra ele da idade de trinta e dois anos quando começou a reinar e reinou oito anos em Jerusalém. E se foi sem deixar de si saudades; sepultaram-no na Cidade de Davi, porém não nos sepulcros dos reis.” (II Crôn. 21:20).

O pensamento de que alguém “se foi sem deixar de si saudades” não é muito simpático, seja em conversação, menção desprezenciosa, nem para a pregação. Mas o Espírito Santo permitiu que o autor do livro das Crônicas o escrevesse. E assim como todas as coisas contribuem para o bem; como “tudo quanto outrora foi escrito, para nosso ensino foi escrito”; dá mesma forma como toda a Escritura é útil para ensinar, podemos extrair algo bom da frase: “E se foi sem deixar de si saudades”.

O personagem envolvido chama-se Jeorão, filho primogênito de Josafá. Seu reinado foi curto, oito anos apenas. A administração, o reinado ou o pastorado, de Jeorão ficou muito a desejar. Era um líder, um rei e pastor do rebanho de Deus. Mas sua folha de serviços é sobretudo lamentável.

Tão logo assumiu o poder, sentindo-se fortalecido, matou a todos os seus ir-

mãos, à espada, como também a alguns dos príncipes de Israel. Fez uma escolha infeliz no que diz respeito a seu casamento, tomando a filha de Acabe com Jezabel para sua esposa. Ora, Jezabel foi uma das mulheres mais ímpias e mundanas apresentadas nas Escrituras. Querendo conquistar Jeú, diz a Bíblia, pintou os olhos, arrancou as sobrancelhas, pendurou argolas nas orelhas e no nariz, braceletes nos braços e nos tornozelos. Essa senhora fazia todos os lançamentos da última moda em Israel; mantinha um lucrativo negócio com a idolatria. Não é sem razão que o verso seis, logo após mencionar o casamento de Jeorão, registra que ele fez o que era mau aos olhos do Senhor.

Os versos 11 e 13 relatam que Jeorão conseguiu que fossem corrompidos os moradores de Jerusalém e alcançou também Judá. Seu curto reinado terminou de maneira trágica. Foi acometido de uma enfermidade tão terrível, que suas entranhas foram expostas.

Segundo um costume da época, os reis, ao morrerem, recebiam uma sepultura especial, num local chamado “sepulcros dos reis”. Mas quanto ao sepultamento de Jeorão, há três destaques negativos: 1) o povo não lhe queimou aromas; 2) não foi sepultado nos sepulcros dos reis; 3) foi-se sem deixar saudades.

A Bíblia refere-se ao sepultamento de outros líderes. Manassés foi sepultado no jardim de sua casa. Ezequias, quando faleceu, “foi sepultado no mais alto dos sepulcros dos filhos de Davi” (II Crôn. 32:33). Josias foi sepultado nos sepulcros de seus pais. “Todo Judá e Jerusalém prantearam a Josias. Jeremias compôs uma lamentação sobre Josias; e todos os cantores e cantoras, nas suas lamentações, se têm referido a Josias, até ao dia de hoje...” (II Crôn. 35:24 e 25).

“E se foi sem deixar de si saudades.”

Não tenho a menor idéia de quantas vezes você foi transferido de um para outro local de trabalho. Ou será que tiveram de transferi-lo? Nosso povo é um povo bom; no entanto, é observador do comportamento dos líderes em qualquer nível. Que sentimentos externam nossos irmãos quando o carro com a sua mudança toma o rumo da BR? “Já vai tarde”? “Finalmente!”? “Puxa, como demorou!”?

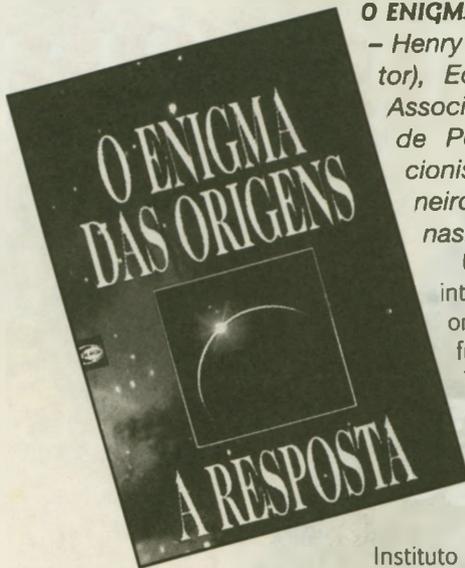
Nossos irmãos têm várias maneiras de exteriorizar se você vai ou não deixar saudades: Deixam de se envolver no programa da igreja, passam a visitar outras congregações, ausentam-se das reuniões da Comissão e de negócios, retêm os dígitos, etc.

Cuidado, companheiros, com nosso estilo de vida e o de nossa família. Cuidado com o visual, a dupla personalidade – no púlpito, um comportamento. Fora dele, outro completamente diferente. Cuidado, muito cuidado, com o alimento que é oferecido ao rebanho.

Qualquer um de nós pode trazer à memória saudosas lembranças de alguns bons líderes: Roberto Rabello, quem o esquece? Jerônimo Garcia, Rodolfo Belz e José Amador dos Reis. São apenas alguns. E os leigos? Haroldo Lobo, do Rio de Janeiro, Albertina Simon, do IAE, e muitos outros também. Hebreus 11 apresenta uma relação de saudosos homens e mulheres.

Era o encontro de despedida do pastor. Outro logo viria. Um irmão, ao apertar a mão do líder que deixava aquela congregação, disse: “Que pena, você já vai.” O transferido pastor respondeu-lhe: “Não se preocupe, virá outro muito melhor do que eu.” E o irmão retrucou: “Eu já ouvi essa história muitas vezes...”

Vivamos, companheiros, de tal maneira que se o Senhor tivesse de escrever outro capítulo 11 do livro aos Hebreus, ali estivessemos você e eu. – José C. Bessa Filho, secretário ministerial jubilado.

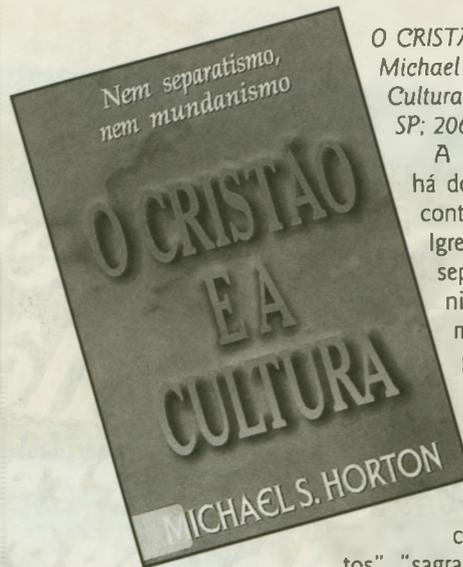


O ENIGMA DAS ORIGENS
 – Henry M. Morris (editor), Editora Origens, Associação Brasileira de Pesquisas Criacionistas, Rio de Janeiro, RJ; 265 páginas.

Uma resposta às interrogações sobre a origem da vida e o futuro do homem. Trata-se de um livro escrito por uma equipe de destacados cientistas norte-americanos, do

Instituto de Pesquisas Criacionistas, sob a coordenação do Dr.

Henry M. Morris. Seu texto é amplo e abrangente, a fim de que as dúvidas sobre o assunto sejam dirimidas.



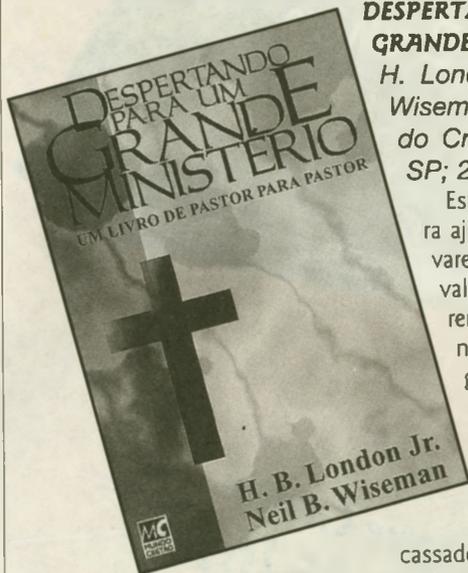
O CRISTÃO E A CULTURA – Michael S. Horton, Editora Cultura Cristã, São Paulo, SP; 206 páginas.

A Escritura ensina que há dois erros a evitar, no contexto da atuação da Igreja na sociedade: o separatismo e o mundanismo. Lamentavelmente, a história registra muitos exemplos de quão facilmente incorremos em qualquer um deles. Através de temas como “o

cristianismo dos gues-

tos”, “sagrado e secular”, “o que

é ou não espiritual”, “a contribuição da igreja à sociedade”, o autor compartilha orientações para uma posição equilibrada.



DESPERTANDO PARA UM GRANDE MINISTÉRIO – H. H. London Jr. e Neil B. Wiseman, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP; 260 páginas.

Este livro foi escrito para ajudar pastores a renovar seu sentimento de valor próprio e reavivarem a paixão pelo ministério. Sua mensagem está dirigida tanto a líderes bem-sucedidos como àqueles que se sentem decepcionados, revoltados ou fracassados. Os autores, após

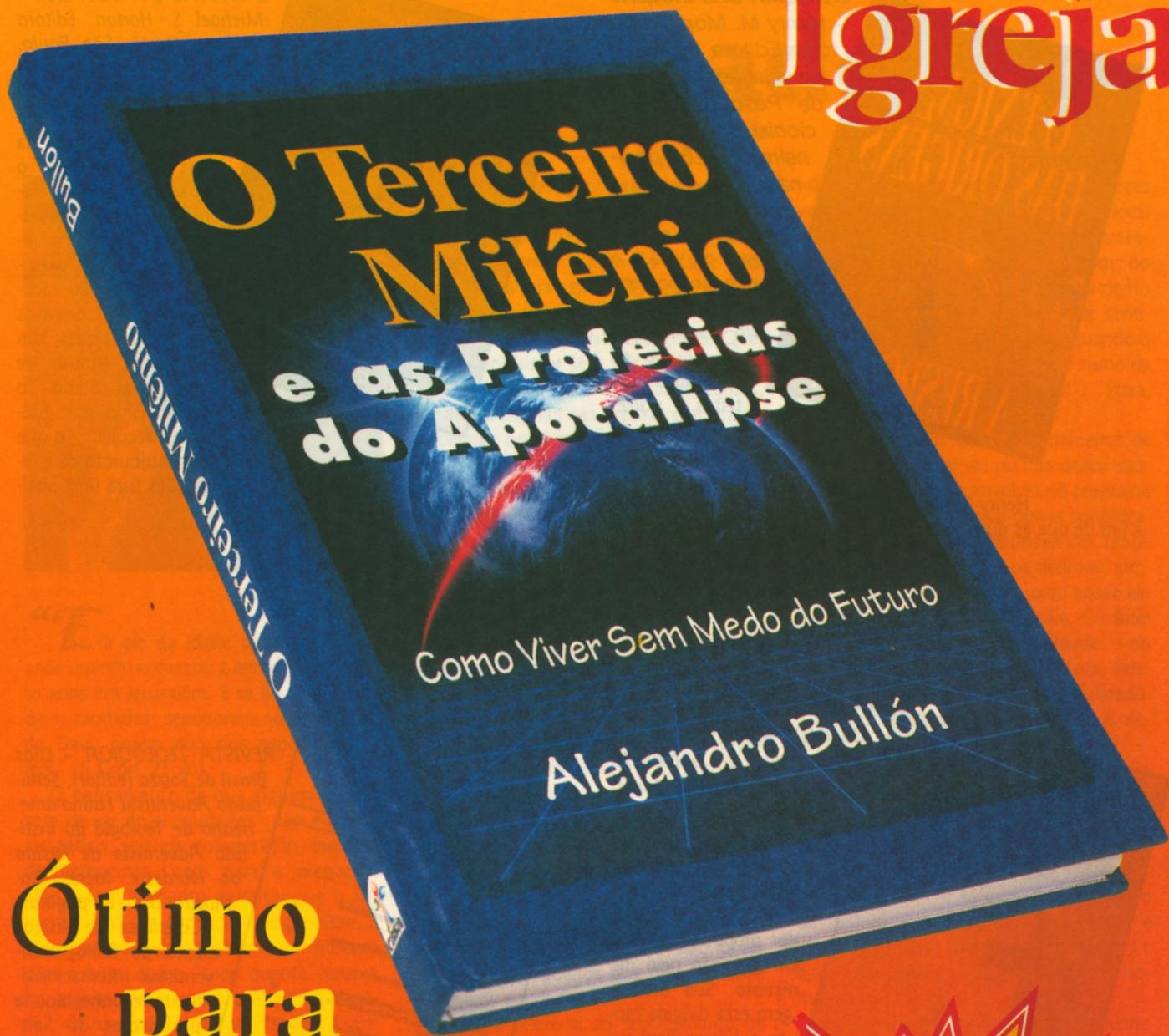
muitos anos de experiência como pastores, formadores de novos líderes e preletores, resolveram escrever um livro que desvendasse os segredos do ministério pastoral de êxito.

REVISTA TEOLÓGICA DO SALT-IAENE	
Volume 2	Número 1
Janeiro - Junho 1998	
CONTEÚDO	
A BÍBLIA E A NEBRÂNCA Anís A. Flor	01
“ESPOSO SANGUINÁRIO”: BREVE EXPLICAÇÃO SOBRE EXODO 24:08 Elias Brasil de Souza	29
HISTÓRIA E ESCATOLOGIA NO LIVRO DE DANIEL William H. Shea	33
O REINO DE DEUS EM LUCAS E ATOS Carlos C. Guimarães	44
CONTENÇÕES QUANTO À INTERPRETAÇÃO TRADICIONAL DE BSA EM APOCALIPSE 12:18 Milton L. Torres	57
EVANGELISMO: PRINCÍPIO PERMANENTE, METODOLOGIA EM MUDANÇA Emílio Abadia	66
REFLEXÕES SOBRE O DIVÓRCIO E O VOTO MATRIMONIAL Dembelmas Neves de Silva	78
DEMANDA PÓS-MODERNA DE SÍMBOLOS: IMPLICAÇÕES RELIGIOSAS E EDUCACIONAIS Marcos Greve	91

REVISTA TEOLÓGICA – Elias Brasil de Souza (editor), Seminário Adventista Latino-americano de Teologia do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, Ilaene, Cachoeira, BA; 101 páginas.

Coletânea de artigos escritos por teólogos adventistas internacionalmente reconhecidos, e professores do Salt-iaene. Indispensável ao crescimento intelectual do pastor.

Para Você e Sua Igreja



**Ótimo
para
evangelismo**

Ligue Grátis
0800-552616
Para Fazer Seu
Pedido



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-000 - Tel.: (015) 250-8800 - Fax: (015) 250-8900